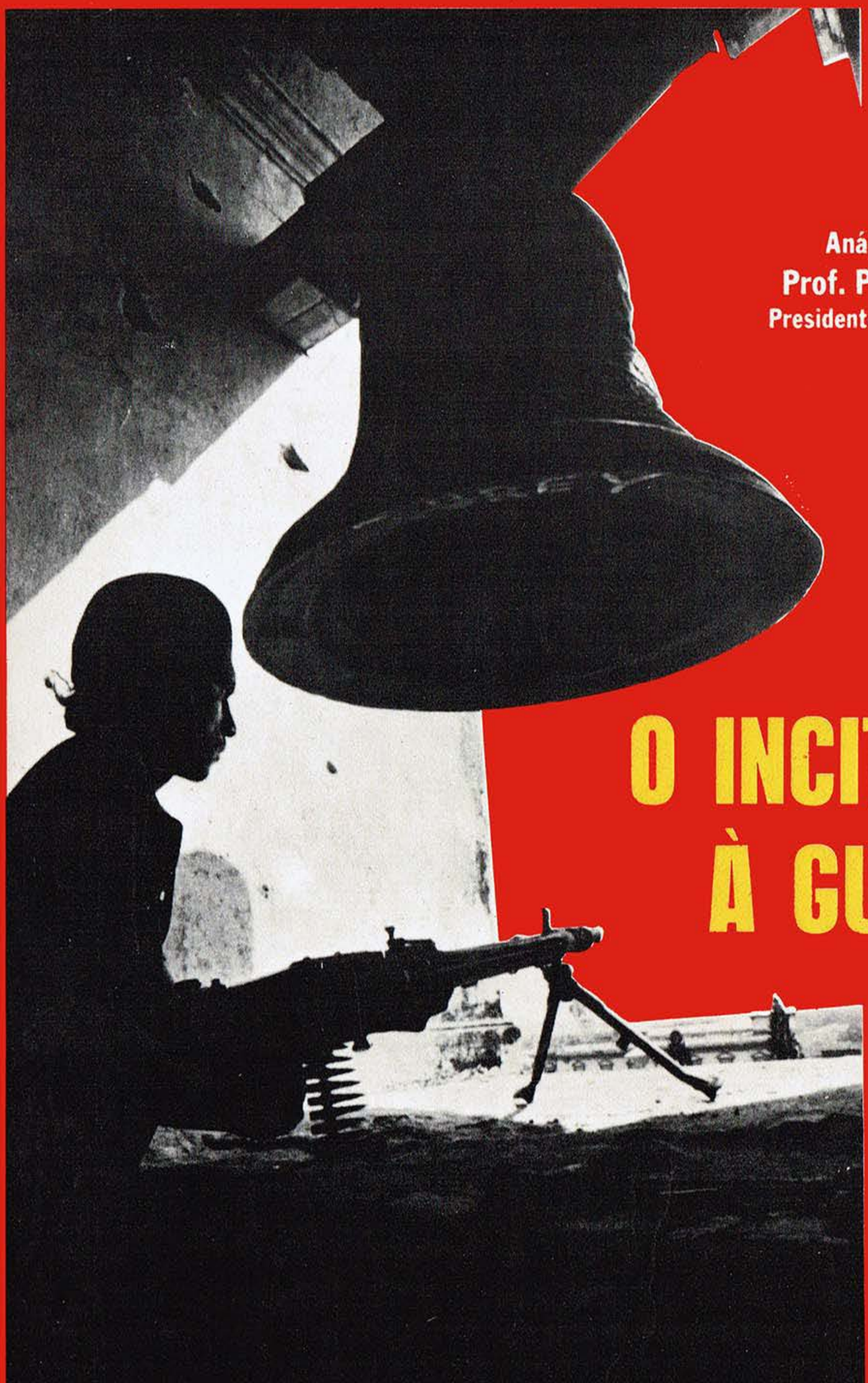
CATOLICISMO

N.os 355 - 356 Julho - Agosto de 1980 Ano XXX

Diretor: Paulo Corrêa de Brito Filho

BISPO VESTE-SE DE GUERRILHEIRO!



Análise e comentários pelo

Prof. Plinio Corrêa de Oliveira

Presidente do Conselho Nacional da TFP

Na

"Noite Sandinista":

O INCITAMENTO À GUERRILHA

dirigido por

sandinistas "cristãos"

à esquerda católica

no Brasil e na

America Espanhola

NOITE SANDINISTA
DE 28 DE FEVEREIRO DE 1980

Programa

1. Homenagem aos guerrilheiros sandinistas da Nicarágua.
2. Outorga de um uniforme de guerrilheiro sandinista a D. Pedro Casaldáliga, Bispo-Prelado de São Félix do Araguaia (MT).
3. O Prelado veste o uniforme de guerrilheiro e promete engajar-se até o sangue.
4. Discursos dos guerrilheiros sandinistas "cristãos".

Patrocinadores

Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo.
Instituto de Estudos Especiais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Anfitrião

S. E. Cardeal D. Paulo Evaristo Arns, Arcebispo de São Paulo e Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Local

Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (TUCA).

CATOLICISMO

Mensário com aprovação eclesiástica
CAMPOS — ESTADO DO RIO

Diretor: Paulo Corrêa de Brito Filho

Diretoria: Av. 7 de Setembro 247, caixa postal 333, 28100 Campos, RJ.

Administração: R. Dr. Martinico Prado 271, 01224 São Paulo, SP.

Composto e impresso na Artpress — Papéis e Artes Gráficas Ltda., R. Garibaldi, 404 — 01135 São Paulo, SP.

"Catolicismo" é uma publicação mensal da Editora Pe. Belchior de Pontes S/C.

Assinatura anual: comum Cr$ 500,00; cooperador Cr$ 800,00; benfeitor Cr$ 1.500,00; grande benfeitor Cr$ 2.500,00; seminaristas e estudantes Cr$ 400,00. **Exterior:** comum US$ 20,00; benfeitor US$ 40,00.

Os pagamentos, sempre em nome de **Editora Padre Belchior de Pontes S/C**, poderão ser encaminhados à Administração. Para mudança de endereço de assinantes, é necessário mencionar também o endereço antigo. A correspondência relativa a assinaturas e venda avulsa deve ser enviada à

Administração: R. Dr. Martinico Prado, 271
01224 — São Paulo, SP

Preço deste número avulso: Cr$ 100,00

EM SEU NUMERO 351 (março de 1980), *Catolicismo*, num esforço de reportagem, apresentou a seus leitores, com objetiva imparcialidade, o texto integral dos principais discursos pronunciados durante a "Noite Sandinista", realizada no dia 28 de fevereiro último no auditório da PUC em São Paulo.

Tais discursos não foram publicados por qualquer órgão da imprensa brasileira, sintomática exceção feita, entretanto, dos semanários "Movimento" e "O São Paulo". Estes, profundamente simpáticos a quanto naquela sessão foi dito e feito, reproduziram resumos de alguns discursos.

O referido número de *Catolicismo* foi acolhido com avidez não só em nosso País, mas também no Exterior, tendo a Administração recebido numerosos pedidos de remessa dessa edição, provenientes inclusive de Roma.

Certo de corresponder ao grande interesse de seus leitores, *Catolicismo* dedica este número duplo (n.os 356-357, julho-agosto de 1980), apresentado em formato especial, a uma nova edição dos textos estampados no mês de março, como também de outros, correspondentes a exposições feitas durante a mesma "Noite Sandinista".

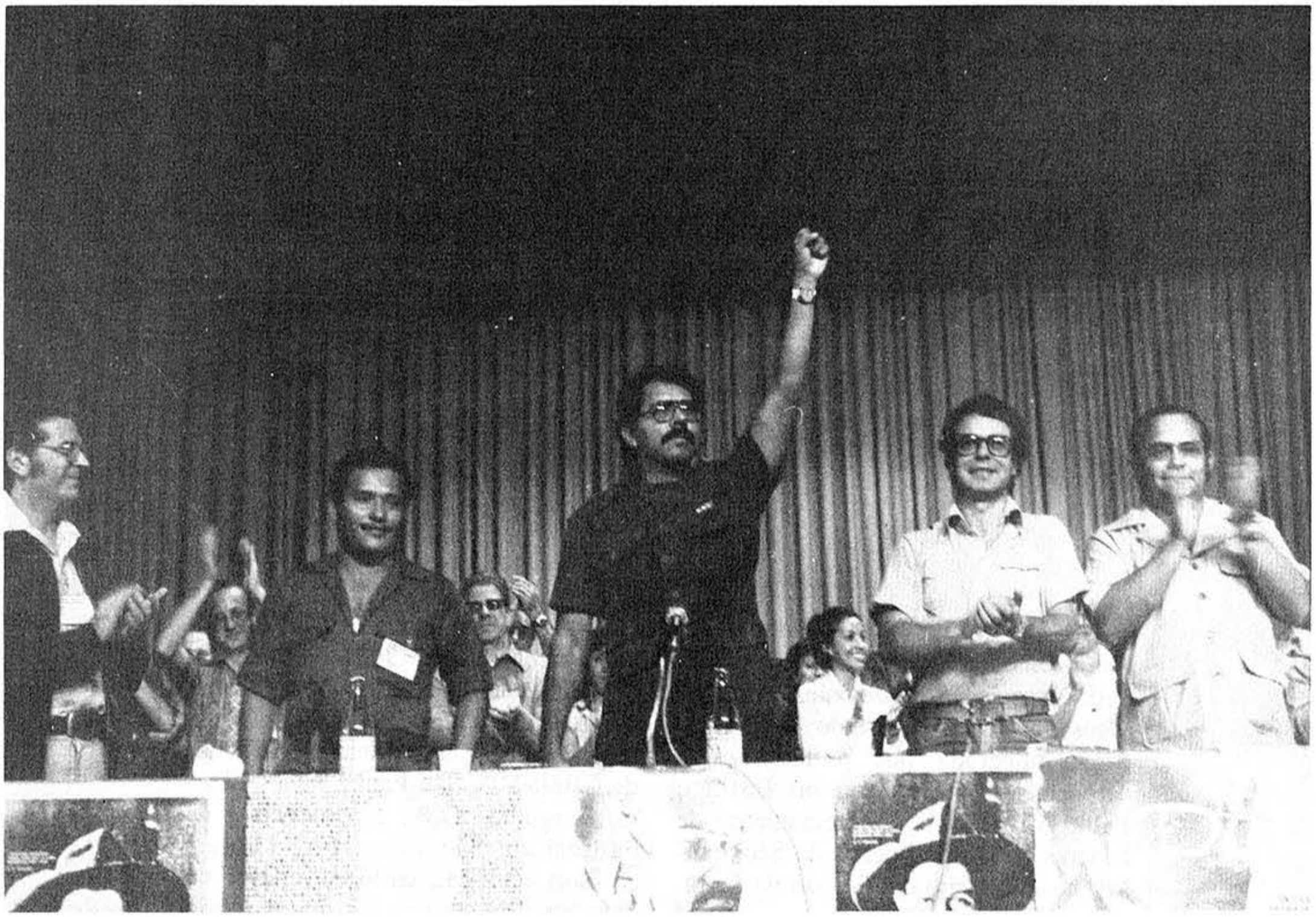
A presente edição vem enriquecida por introdução e comentários do insígne colaborador de *Catolicismo*, Prof. Plinio Corrêa de Oliveira, Presidente do Conselho Nacional da TFP. Marca-os a acuidade, a coerência e a clareza tão características do grande pensador brasileiro.

CAPA: Da torre da igreja, guerrilheiro controla o centro de Leon, Nicarágua. O templo de Deus transformado em cidadela revolucionária. . . (Foto AP)

Análise e comentários pelo

Prof. Plinio Corrêa de Oliveira

Presidente do Conselho Nacional da TFP



De punho cerrado (saudação comunista), Daniel Ortega, membro da Junta de governo da Nicarágua, exalta "a revolução cubana heróica e magnífica, com Fidel Castro à frente", sob os aplausos de Frei Uriel Molina (primeiro à esquerda), Frei Betto e Pe. Miguel D'Escoto (à direita).

Na "Noite Sandinista"

O INCITAMENTO À GUERRILHA

dirigido por sandinistas "cristãos" à esquerda católica no Brasil e na América Espanhola

O "CASO" DA NICARÁGUA:

"IGREJA" - DOUTRINA; GUERRILHA - VITORIA

Como a "Igreja-Nova" inocula seus erros de doutrina em uma guerrilha política encalhada... e concede a esta popularidade, prestígio, vitória.

...com a presença de Bispos e padres...

O **IV Congresso Internacional Ecumênico de Teologia,** promovido pela **Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo** — organização integrada por protestantes e católicos — se realizou no Instituto Paulo VI (Centro de Treinamento de Líderes da Arquidiocese de São Paulo), no município de Taboão da Serra. O tema geral do Congresso era "Eclesiologia das comunidades eclesiais de base".

"Taboão da Serra": Congresso de Teologia cercado de aparato policialesco...

O Instituto Paulo VI, que ocupa um terreno de setecentos mil metros quadrados, esteve, durante o Congresso, sob a estrita vigilância de guardas armados. Estes eram funcionários de uma empresa privada especializada em serviços tais.

O Congresso — cuja programação interna foi cercada de grande sigilo — contou com a participação de mais de 160 Bispos, Padres, freiras, leigos de ambos os sexos (sociólogos, economistas, agentes de pastoral, membros das Comunidades de Base) e pastores protestantes de 42 países. Segundo o noticiário da imprensa, estiveram presentes, entre outros, os seguintes eclesiásticos:

— do **Brasil,** D. José Maria Pires, Arcebispo de João Pessoa; D. Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia; Pe. Edenio do Valle, Vice-Reitor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Frei Gilberto Gorgulho, O.P., Coordenador de Pastoral em São Paulo; Frei Leonardo Boff, O.F.M., teólogo, redator da "Revista Eclesiástica Brasileira"; Frei Carlos Mesters, O. Carm., exegeta; Pe. José Oscar Beozzo, diretor do Instituto Teológico de Lins; Pe. Paulo Suess, secretário-geral do CIMI — Conselho Indigenista Missionário; Pe. João Batista Libânio, S.J., Assessor da CNBB; Frei Carlos Alberto Libânio Christo, O.P. (Frei Betto), secretário-executivo do Congresso; Hugo Assmann, teólogo;

— do **Chile,** Pe. Pablo Richard, teólogo; Pe. Ronaldo Muñoz, teólogo; Pe. Sergio Torres, teólogo;

— de **El Salvador,** Jon Sobrino, teólogo;

— da **Jamaica,** Pe. Alfredo Ride;

— do **México,** D. Samuel Ruiz, Bispo de Charpas; Frei Miguel Concha, O.P.;

— da **Nicarágua,** Pe. Miguel D'Escoto, **Ministro das Relações Exterio-**

res desse País, e Frei Uriel Molina, O.F.M.;

— do **Peru,** Pe. Gustavo Gutiérrez, teólogo;

— de **Sri Lanka** (Ceilão), Pe. Tissa Balasuriya.

. . .sendo Presidente de honra um Cardeal e presidente efetivo um pastor protestante.

A presidência-executiva coube ao pastor metodista Paulo Ayres de Mattos, sendo presidente-honorário o próprio Cardeal-Arcebispo de São Paulo; participou igualmente o pastor metodista argentino J. Míguez-Bonino, presidente do Conselho Mundial das Igrejas, organismo ecumênico protestante, além de outros teólogos e teólogas protestantes.

Um Congresso de Teologia da Libertação.

A simples nominata dos participantes (a par dos temas que, segundo a imprensa, foram tratados) é suficiente para caracterizá-lo como um Congresso de **Teologia da Libertação.**

A semana do TUCA, prolongamento de "Taboão".

Enquanto presumivelmente se procedia em Taboão da Serra a secretas elaborações doutrinárias e articulações táticas, realizava-se no teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — TUCA (Rua Monte Alegre, 1024), uma **Semana de Teologia** subordinada ao título **A Igreja na América Latina,** promovida pelo Departamento de Teologia do Instituto de Estudos Especiais da mesma Universidade. A Semana de Teologia se estendeu de 21 de fevereiro a 1.º de março, com sessões públicas e diárias.

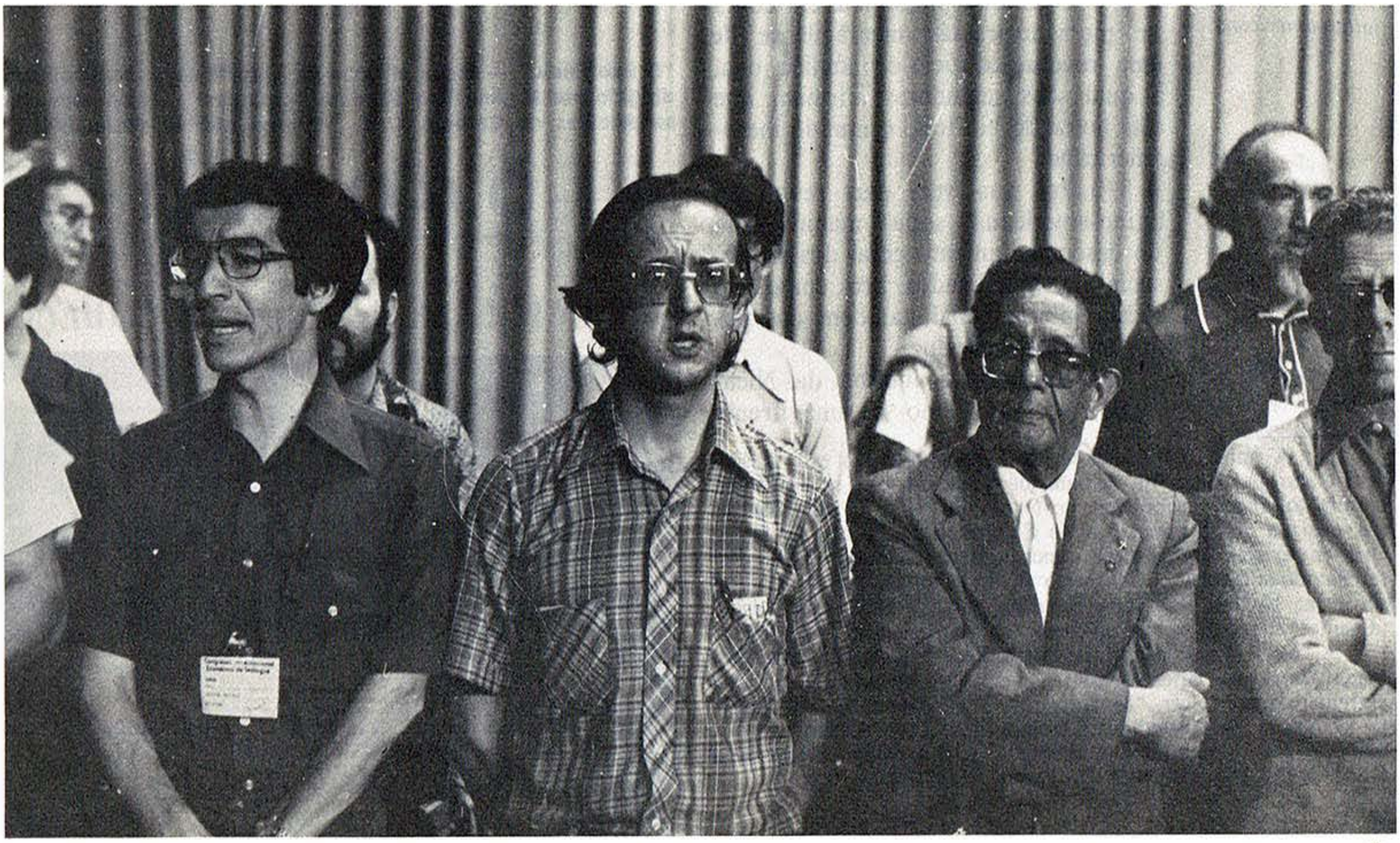
Conforme declaração do Cardeal Arns, no discurso de abertura, a Semana de Teologia resultou de um pedido da Associação Ecumênica de Teólogos, que desejava "entrar em contato" com os membros das Comunidades Eclesiais de Base e movimentos populares da periferia de São Paulo. As sessões noturnas do TUCA constituíam um desdobramento do Congresso, em que os temas tratados em Taboão da Serra eram em alguma medida transmitidos aos militantes das Comunidades de Base, os quais representavam a maioria dos assistentes.

Sendo facultado a qualquer dos presentes gravar as palavras dos conferencistas, a TFP possui fitas magnéticas em que estão registradas todas as conferências, e pode pô-las à disposição de quem se interesse seriamente pelo assunto.

Revestiu-se de particular aparato a sessão do dia 28 de fevereiro, em que foram recepcionadas e homenageadas importantes figuras da Revolução Sandinista, vitoriosa na Nicarágua. Várias delas fizeram uso da palavra durante a sessão. O ponto alto da noite consistiu na entrega a D. Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia (região semi-selvática no

Bispo de São Felix veste jaqueta de guerrilheiro.

Estiveram presentes ao Congresso, que se intitulou ecumênico, "teólogos" de várias confissões religiosas. No centro, Pablo Richard, antigo membro do grupo "Cristãos para o Socialismo", do Chile.



Estado de Mato Grosso, incluindo a ilha do Bananal, em Goiás), de um uniforme de guerrilheiro sandinista, cuja jaqueta o Prelado vestiu no mesmo instante (1).

Reproduz-se, a seguir, o texto integral dos discursos então pronunciados pelos representantes sandinistas, bem como as palavras proferidas pelo coordenador da sessão, Frei Betto, e pelo homenageado, Bispo D. Pedro Casaldáliga.

Os tópicos mais interessantes desses vários pronunciamentos são aqui objeto de comentários, precedidos sempre do sinal gráfico ●. Todos os títulos e subtítulos, bem como destaques introduzidos no texto, são do comentador.

* * *

Do estudo desses discursos se depreende que:

Sandinismo e comunismo.

1.º) A Revolução Sandinista contém um substrato de programa sócio-econômico ainda não inteiramente definido, mas do qual já são dados a público, oficialmente, vários lineamentos gerais bem como pontos programáticos. Tanto uns quanto outros correspondem ao que os partidos comunistas da Ibero-América pedem aos seus mais íntimos e chegados **"companheiros de viagem".** O caráter radicalmente igualitário da ideologia sandinista não deixa dúvidas de que o sandinismo, ou se identifica com o comunismo, ou se situa nos subúrbios ideológicos deste.

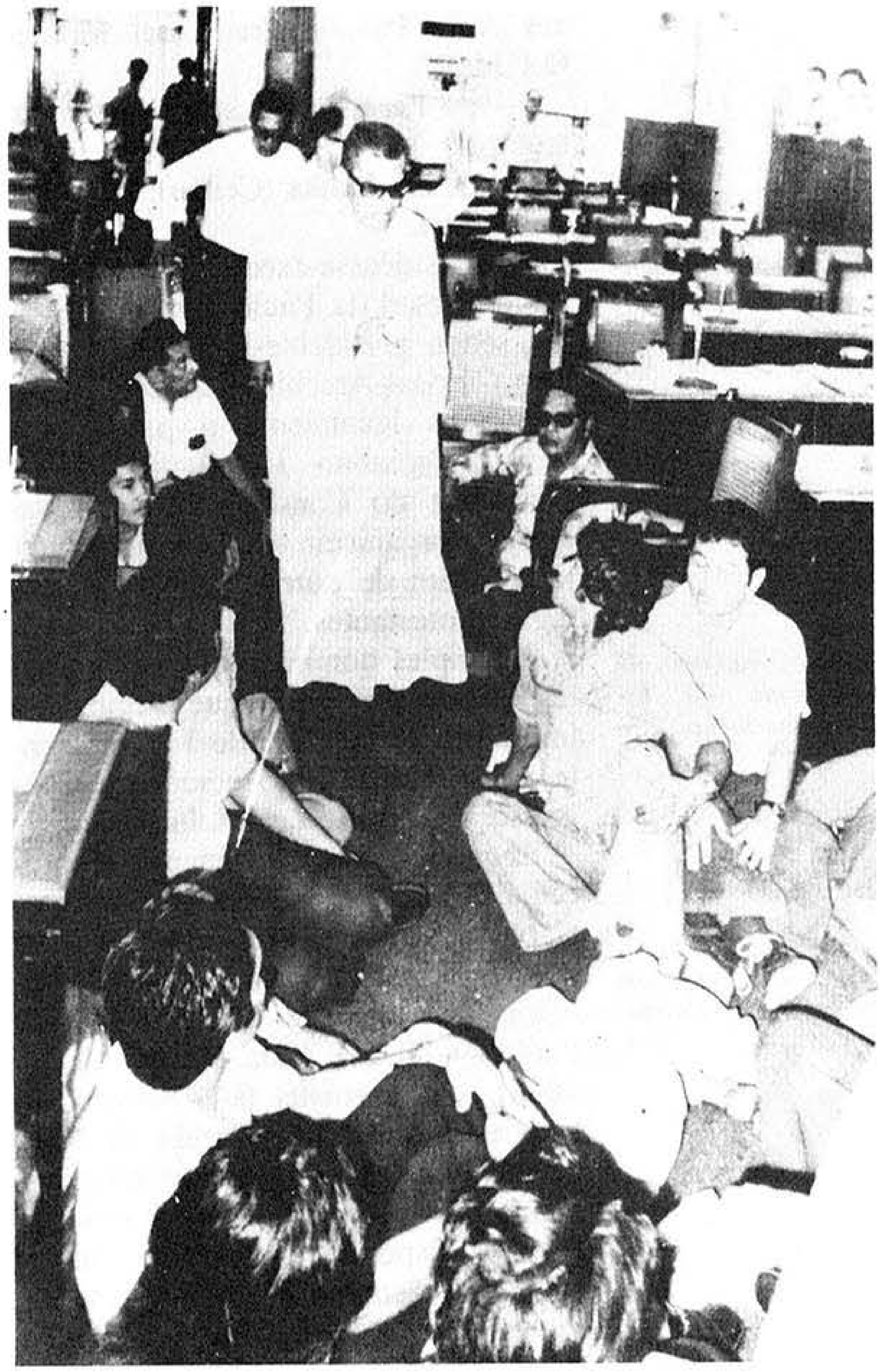
Uma Revolução latino-americana.

2.º) O sandinismo se tem em conta de mera expressão nicaragüense de uma revolução sócio-econômica una, a qual seus seguidores afirmam que está lavrando em todo o mundo ibero-americano.

3.º) Por sua vez, essa revolução latino-americana seria manifestação do descontentamento geral dos grupos sociais marginalizados, bem como, em escala internacional, também dos povos subdesenvolvidos.

Frente única de várias forças...

4.º) Na política interna da Nicarágua, o sandinismo é uma **frente**



AP

O Arcebispo de Manágua, D. Miguel Orbando, fala aos reféns aprisionados pelos sandinistas no Palácio Nacional, na capital da Nicarágua.

"O São Paulo" — órgão oficioso da Arquidiocese paulopolitana, dirigido por D. Angélico Sândalo Bernardino — exultante com as palavras do Cardeal Arns: "A coisa apenas começou...".

O SÃO PAULO

Semana de 7 a 13 de março de 1980 — ANO XXIV — Nº 1.252

SEMANÁRIO

Fé, política, revolução e evangelho é uma só verdade

NICARÁGUA É APENAS UM COMEÇO

Inédito: a Declaração Universal dos Direitos dos Povos (documento)

Boicote à carne é uma sujeira

Neste fim de semana, o 2.º Congresso da Mulher Paulista

---

(1) A imprensa quotidiana deu pouco realce a essa sessão, bem como às demais da Semana de Teologia, que se realizava, entretanto, aberta ao público, no teatro da PUC. E, pelo contrário, dedicou fartos noticiários ao Congresso de Taboão da Serra, com entrevistas bombásticas concedidas pelos participantes deste. Paradoxalmente, o Congresso se desenvolvia, como foi dito, de forma sigilosa, sob forte esquema de segurança, sendo estritamente vedado o comparecimento de pessoas não inscritas.

A "Noite Sandinista" foi posteriormente explorada pela chamada "imprensa alternativa" — semanários contestatórios de extrema-esquerda (cfr. "Movimento", 3 a 9 de março de 1980). O semanário da Arquidiocese trouxe ampla reportagem sobre a matéria, com a significativa chamada de 1.a página "Nicarágua é apenas um começo" ("O São Paulo", 7/13-3-80).

D. Pedro Casaldáliga, Bispo-Prelado de São Félix do Araguaia (MT-GO).

Quem é D. Pedro Casaldáliga

D. Pedro Maria Casaldáliga Pla, C.M.F., nasceu na Catalunha (Espanha) em 1928. Ordenou-se Sacerdote em 1952, e em 1968 chegou ao Brasil como missionário claretiano. Em 1970 foi nomeado Administrador Apostólico de São Félix do Araguaia, e no ano seguinte elevado a Bispo da mesma Prelazia, situada ao nordeste do Estado de Mato Grosso, na área chamada Amazônia Legal.

É autor de várias poesias, que reuniu primeiramente no volume **Clamor elemental** (Ediciones Sígueme, Salamanca, 1971, 103 pp.), depois em **Tierra nuestra, libertad** (Editorial Guadalupe, Buenos Aires, 1974, 151 pp.), e mais recentemente em **Antologia retirante** (Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978, 240 pp.).

Sua autobiografia, **Yo creo en la justicia y en la esperanza!** (Desclée de Brouwer, Bilbao, 1976, 202 pp.) também foi publicada na Itália (Quaderni Asal, Roma, n.º 27, 1976, 220 pp.) e no Brasil (Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978, 249 pp.).

Ao ser sagrado Bispo, D. Casaldáliga escreveu a Carta Pastoral intitulada **Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social** (10 de outubro de 1971) em que manifesta o seu repúdio ao **"latifúndio capitalista, como pré-estrutura social radicalmente injusta".**

D. Casaldáliga começou a aparecer nas manchetes dos jornais justamente a propósito da agitação agrária promovida na localidade de Santa Teresinha, Prelazia de São Félix, pelo missionário francês Pe. Francisco Jentel, que o Governo brasileiro acabou por expulsar do País, como subversivo, em dezembro de 1975. Durante todo o tempo, D. Casaldáliga deu mão forte ao Sacerdote. Em razão disso, e de outras atividades do Prelado, originou-se uma tensão entre ele e o Governo federal. Correram então insistentes rumores de que ele também seria expulso do País. Na ocasião, levantaram a voz, em favor do Prelado, numerosas figuras da Hierarquia eclesiástica brasileira, algumas da maior projeção.

A posição ostensivamente pró-comunista de D. Casaldáliga foi denunciada no livro **A Igreja ante a escalada da ameaça comunista — Apelo aos Bispos Silenciosos (Plinio Correa de Oliveira,** Editora Vera Cruz, São Paulo, 1976, pp. 13 a 30), no qual são transcritas várias poesias e outros textos do Prelado.

A "esquerda católica" brasileira se manteve impassível ante essa denúncia, como se ela não existisse, embora tivessem sido vendidos 51 mil exemplares do livro. A meia dúzia de protestos episcopais indignados, se bem que vazios de argumentos, que contra ele se lançaram — aos quais replicou o autor com a serenidade preceituada pelo respeito — não fazem sequer alusão às desconcertantes poesias do Bispo de São Félix.

Pouco depois da XV Assembléia Geral da CNBB, em fevereiro de 1977, D. Geraldo Sigaud, Arcebispo de Diamantina, acusou D. Pedro Casaldáliga de favorecimento do comunismo. Foi ele respaldado, nessa declaração, por D. José Pedro Costa, então Arcebispo-Coadjutor e Administrador Apostólico de Uberaba. Os dois Arcebispos fizeram, pois, por seu turno, acusação análoga à de **A Igreja ante a escalada da ameaça comunista.** E ainda estenderam a imputação a D. Tomás Balduíno, Bispo de Goiás Velho.

Levantou-se na ocasião uma grande celeuma. A Santa Sé designou então um Visitador Apostólico — D. José Freire Falcão, Arcebispo de Teresina — para estudar as acusações dos dois Prelados de Minas Gerais. Mas o assunto pouco depois morreu, sem que nada se soubesse do conteúdo do relatório que, segundo se deve admitir, o Arcebispo de Teresina deveria mandar à Santa Sé. Não obstante, o episódio deu ensejo a que 33 Arcebispos e Bispos se pronunciassem a favor de D. Pedro Casaldáliga e D. Tomás Balduíno, discordando explícita ou implicitamente das declarações de D. Geraldo Sigaud e D. José Pedro Costa (cfr. **Meio século de epopéia anticomunista,** Editora Vera Cruz, São Paulo, 1980, pp. 275 a 285).

D. Casaldáliga foi também apontado, em novembro de 1977, como representante pertinaz da corrente neomissionária que advoga a estranha concepção do índio como modelo para o civilizado, ao mesmo tempo que prega uma espécie de luta de raças — análoga e paralela à luta de classes — entre silvícolas e brancos. A denúncia consta do livro **Tribalismo indígena, ideal comuno-missionário para o Brasil no século XXI (Plinio Corrêa de Oliveira,** Editora Vera Cruz, São Paulo, 1977, 138 pp.). Não obstante ter sido esse estudo largamente difundido em todo o País — 86 mil exemplores vendidos — não sofreu qualquer contestação por parte da "esquerda católica".

De lá para cá, D. Pedro Casaldáliga continua atuando desenvoltamente, sendo notório fomentador das Comunidades Eclesiais de Base e da Teologia da Libertação em nossa Pátria.

. . .entre as quais as Comunidades de Base.

única de várias forças. Entre essas, ocupam posição de destaque os **"cristãos revolucionários"**.

5.º) Estes últimos se agrupam, por sua vez, em uma só frente constituída por **Comunidades Eclesiais de Base** e movimentos análogos. Contam eles com o apoio de vários e ativos Sacerdotes ainda jovens.

Discutível autenticidade católica.

6.º) O mínimo que se pode dizer desses grupos — segundo os fazem ver os oradores sandinistas — é que sua pertencença à Igreja Católica é absolutamente discutível:

a) eles promoveram uma revolução interna na Igreja na Nicarágua, possantemente coadjuvada — segundo eles — pelo afastamento das autoridades eclesiásticas conservadoras, e sua substituição por cooperadores ou "inocentes-úteis" da Revolução Sandinista;

b) desses cooperadores, vários Sacerdotes atuaram como verdadeiros pregadores e capelães da Revolução Sandinista.

Revolução Sandinista e Teologia da Libertação.

7.º) Essa revolução eclesiástica é de índole teológica. E identifica-se com a **Teologia da Libertação,** que tem por mestre o Sacerdote peruano Gustavo Gutiérrez, participante do IV Congresso Internacional de Teologia, e um dos oradores da sessão de abertura da Semana de Teologia, presente, aliás, à "Noite Sandinista". Ela é tão radicalmente igualitária no terreno eclesiástico quanto a Revolução Sandinista o é no terreno civil. A reversibilidade entre esses dois movimentos é tal que o sandinista se tem por **cristão porque é sandinista.** E o cristão, adepto da Teologia da Libertação, se tem em conta de **sandinista por que cristão**.

Igualitarismo eclesiástico e "profetismo" popular.

8.º) O igualitarismo eclesiástico da Teologia da Libertação chega a ponto de não admitir mais uma Igreja Hierárquica, dividida em duas classes nitidamente distintas, das quais cabe a uma ensinar, governar e santificar, e à outra ser ensinada, governada e santificada (cfr. **São Pio X,** Encíclica **Vehementer** de 11 de fevereiro de 1906, **Actes de Pie X,** Bonne Presse, Paris, vol. II, pp. 133-134). Pelo contrário, Deus falaria à sua Igreja por meio de impulsos que o povo manifesta. Competiria à Hierarquia deixar-se orientar por essa forma de **profetismo popular.**

"Igreja-Nova" subversiva.

9.º) Em suma, o ouvinte se vê posto assim em presença de uma Igreja-Nova, com uma estrutura nova, com uma moral social nova, inspiradora de uma luta de classes sócio-econômica, a qual não é possível distinguir da que Marx ensinava. Essa a luta, a ser travada, quando necessário, até de armas na mão. O que, tudo, a identifica assim com a subversão.

UPI

O jornal "Barricada" da FSLN comemora a vitória. "Confiscar tudo que foi roubado ao povo!" diz a manchete. Estará nos planos da Revolução Sandinista extinguir a propriedade privada?

10.º) Em suma, a emitir um juízo sobre o **"cristianismo sandinista"** ou o **"sandinismo cristão",** pode-se afirmar com segurança que constitui pelo menos uma possante corrente de fiéis **"companheiros de viagem"** do comunismo. Ou uma mal velada secção do comunismo internacional, especializada em confundir e iludir os meios religiosos, neles infiltrar-se, e, por fim, os utilizar como estribo para alcançar o poder.

Estribo para o comunismo.

11.º) Os oradores da sessão do dia 28 de fevereiro — todos personagens com participação intensa na Revolução Sandinista, ou no governo nicaragüense atual — constituem uma equipe coesa e bem articulada. Seus discursos consistem em apelos, ora mais ora menos explícitos, a que os espectadores — quase todos filiados a movimentos ou correntes católicas de esquerda — redobrem de esforços para empurrar o Brasil pelas vias a que eles conseguiram arrastar a Nicarágua.

Empurrar o Brasil pelas vias da Nicarágua.

Com a aparência embora de improvisados, cada um dos discursos dessa noite contém matéria bastante definida:

Improvisos bem planejados.

a) o histórico do movimento revolucionário sandinista desde suas origens, há cinqüenta anos, até a vitória em 1979; as fases de desenvolvimento interno do movimento, as etapas da luta externa etc. (Frei Betto);

b) como a dona de casa quis ser guerrilheira (Socorro Guerrero, das Comunidades de Base de Manágua).

c) como se fez guerrilheiro o trabalhador urbano (David Chavarría, das Comunidades de Base de Manágua);

d) idem o trabalhador rural (Agustín Zambola);

e) Idem o Padre (Pe. Uriel Molina).

Em suma, como se fez guerrilheira toda a nação.

Aqui, ali e acolá, outros assuntos importantes foram apresentados ao público. Por exemplo:

— as várias fases do processo subversivo: aglutinação, conscientização, agitação, revolução e conquista do poder (Frei Betto);

— o perigo de uma revanche somozista-norte-americana (Socorro Guerrero);

— o apelo a que o exemplo da Nicarágua frutifique na América Latina (D. Casaldáliga, Socorro Guerrero, Comandante Ortega) etc.

Desta maneira, a "Noite Sandinista" no teatro da Pontifícia Universidade Católica em São Paulo, sem embargo de sua aparência leve (vários oradores, músicas e canções etc.) constituiu uma inoculação carregada de toxinas revolucionárias, no auditório. Cada orador soube aproveitar seu tempo quase até à usura.

Para o leitor não brasileiro, parecerá escapar a essa regra o presidente da sessão, Frei Betto, que em cada intervenção parecia mero repetidor do orador que acabava de falar. Entretanto, o papel de Frei Betto também era necessário, pois os oradores falavam em espanhol, e a despeito da afinidade desse idioma com o português, eram compreendidos imperfeitamente por boa parte do auditório.

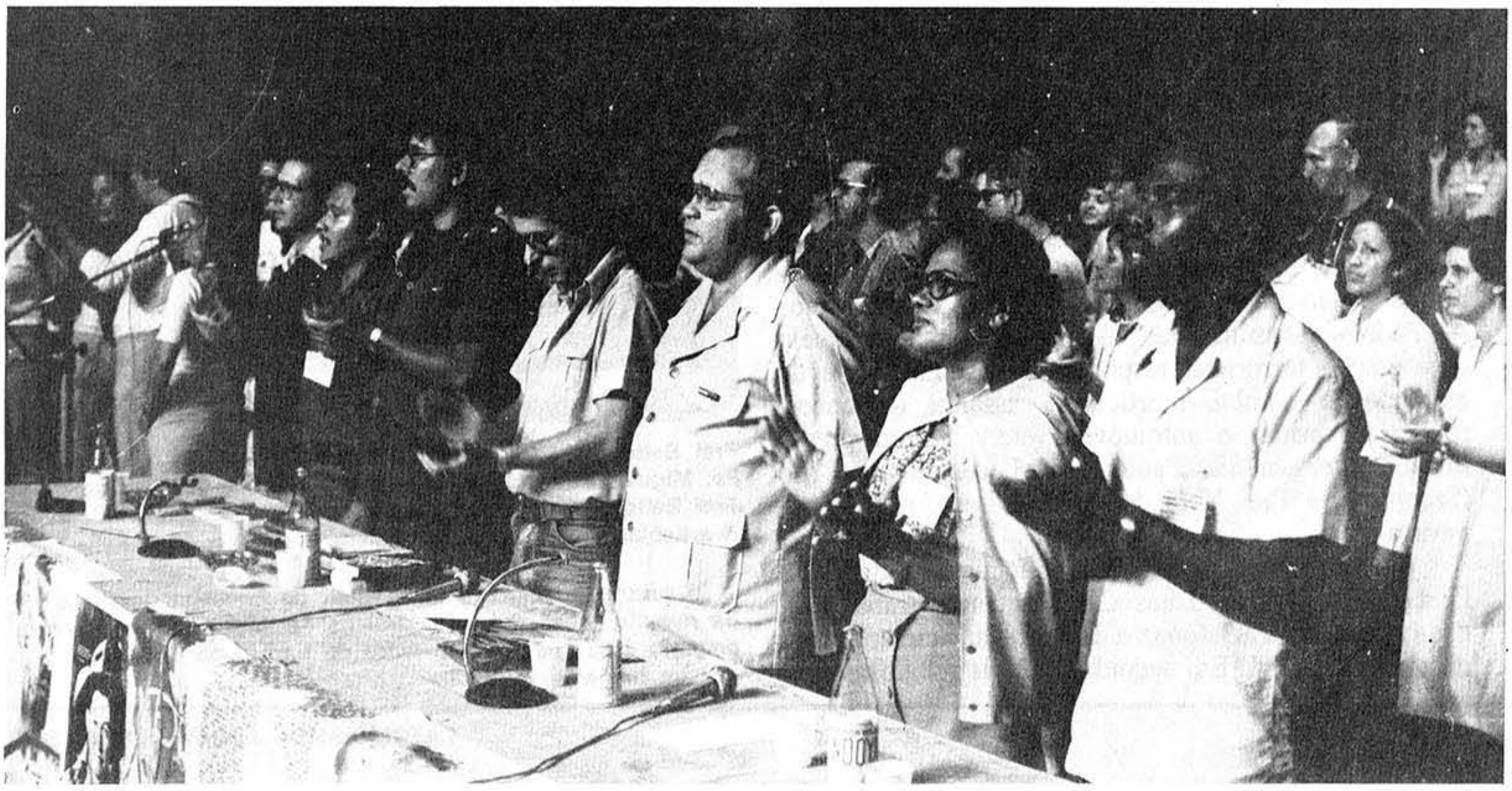
Tudo isto posto, os discursos sandinistas não serão devidamente entendidos se se considerar cada qual abstração feita do outro. Impõe-se pois uma visão de conjunto das várias peças, o que parece mais elucidativo fazer nesta análise introdutória (2).

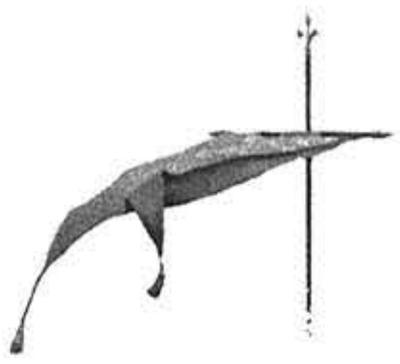
Indispensável visão de conjunto

* * *

(2) Todos os fatos aqui mencionados, ou são de notoriedade pública, ou têm como fonte as narrações feitas pelos vários oradores da "Noite Sandinista".

Os oradores da "Noite Sandinista" (da direita para a esquerda): Agustin Zambola, ativista rural nicaragüense; Socorro Guerrero, militante das Comunidades de Base de Manágua; Pe. Miguel D'Escoto, Ministro das Relações Exteriores da Nicarágua; Frei Betto, coordenador da sessão; Daniel Ortega, membro da Junta Revolucionária da Nicarágua; David Chavarria, guerrilheiro sandinista; Pe. Uriel Molina, pároco em Manágua.





A frente única...

A revolução vitoriosa na Nicarágua compunha-se de dois segmentos distintos, o **político** e o **religioso.**

O **segmento político** apresentava — e ainda apresenta — a fisionomia característica de um movimento comunista constituído segundo os moldes clássicos, para a conquista do poder:

a) **Frente única** de grupos políticos esquerdistas de vários matizes, entre os quais a indefectível esquerda burguesa (ou "burguesia nacional", como é designada na literatura comunista; isto é, a burguesia não "comprometida" com o capitalismo internacional), os "inocentes-úteis" etc. Estes são os **"companheiros de viagem"** que seguirão lado a lado com os comunistas até a vitória e a final consolidação do processo revolucionário;

b) Inviscerado nessa frente única, e dirigindo-a pela radicalidade e precisão de suas metas, pela eficácia de seus métodos e pela inteira disciplina de seus quadros, figura o **Partido Comunista.** Este logo passa a ser a alma da frente única, e o polo de atração, tanto doutrinário quanto político, dos outros agrupamentos.

...dirigida pelo PC.

Bem entendido, a frente única se destina em parte a criar no público a ilusão de que a vitória da revolução não será **ipso facto** a do comunismo. Por isto mesmo, este último favorece, por vezes, rixas episódicas ostensivas dos "companheiros de viagem" entre si, ou até com o mesmo PC. É o que

Um blefe: a vitória não será do comunismo

Quem é Frei Betto

1. Protagonista no caso Marighela

O ex-deputado federal comunista Carlos Marighela convencera-se da inoperância dos métodos de Luís Carlos Prestes e da necessidade de acelerar o processo revolucionário pela adoção de uma linha política violenta. Expulso do Partido, fundou a Aliança Libertadora Nacional (ALN), com o intuito de tomar o poder através da guerrilha urbana e rural.

Escreveu ele as rumorosas **Cartas de Havana** e o **Manual do Guerrilheiro Urbano,** profusamente distribuídos entre os militantes das organições subversivas brasileiras e editado também na Europa, onde ainda em agosto de 1977 — segundo noticiou a imprensa — esteve na raiz de um atentado terrorista de repercussão internacional, ocorrido na Alemanha.

Em 1969, Marighela estava sendo ativamente procurado pela Polícia. Noticiaram os jornais que esta, não conseguindo encontrá-lo, deitou mão sobre um militante da Aliança Libertadora Nacional, descobrindo então que um grupo de frades dominicanos — Padres e seminaristas — prestava auxílio àquela organização terrorista, responsável por uma série de atentados à bomba, morticínios, assaltos a bancos, roubos de armas e automóveis, etc. Foram presos inicialmente, em São Paulo, Frei Fernando de Brito (Sacerdote) e Frei Yves do Amaral Lesbaupin (seminarista).

No dia 4 de novembro, policiais levaram Frei Fernando à livraria Duas Cidades, onde trabalhava, e o obrigaram a telefonar a Marighela, marcando um encontro urgente. Em seguida, os dois religiosos presos foram conduzidos pelos policiais à alameda Casa Branca, local aprazado com Marighela, e ali deixados, sob algemas, dentro de um carro.

O chefe terrorista, confiante, caminhou de encontro a seus dois cúmplices eclesiásticos. Sobreveio imediatamente a Polícia, e seguiu-se um tiroteio no qual Marighela foi morto.

Como conseqüência, **toda uma rede de elementos terroristas caiu nas malhas da Polícia, entre eles Frei Betto** (Frei Carlos Alberto Libânio Christo), **preso no**

Frei Betto (na foto acima, à esquerda) fala ao ouvido do Pe. Miguel D'Escoto, Ministro das Relações da Nicarágua. Frei Betto, um dos protagonistas do "caso Marighela", foi o articulador da "Noite Sandinista"...

...e tornou-se ainda uma espécie de "eminência parda" da recente greve dos metalúrgicos do ABC. "É ele quem empurra Lula (na foto ao lado, de barba) para a frente", diz um militante sindical.

tem acontecido, em alguma medida, na Nicarágua. E foi também o que ocorreu na "Noite Sandinista" no Teatro da PUC. Nesta última, nenhum dos elementos presentes — nicaragüenses ou brasileiros — se afirmou comunista ou simpatizante do comunismo. Mas a referência à faixa colocada a título de homenagem na cadeira em que devia sentar-se o representante de Cuba no Congresso de Teologia, em Taboão da Serra, bem como as palavras ditas, mais de uma vez, sobre Fidel Castro, não deixam dúvida sobre o prestígio e a influência determinante da Revolução Cubana e de seu chefe, em todos os movimentos congêneres da América luso-espanhola.

O modo pelo qual os oradores se dirigem ao público dá a impressão de que consideram a Revolução Nicaragüense a espoleta de análogo movimento no Brasil e em toda a América Latina. A entrega solene de um uniforme de guerrilheiro sandinista ao Bispo D. Pedro Casaldáliga, Prelado de São Félix do Araguaia, é o ato culminante da noite. Poder-se-ia dizer que é o **show** dessa noite.

E com razão. Ele constitui um convite a toda a "esquerda católica" brasileira a que, a exemplo do Pe. Uriel Molina, se engaje na guerrilha. O ato do Bispo vestindo a jaqueta do uniforme que lhe era assim oferecido tem o significado de uma ostensiva aceitação do convite.

Convite aceito por D. Casaldáliga.

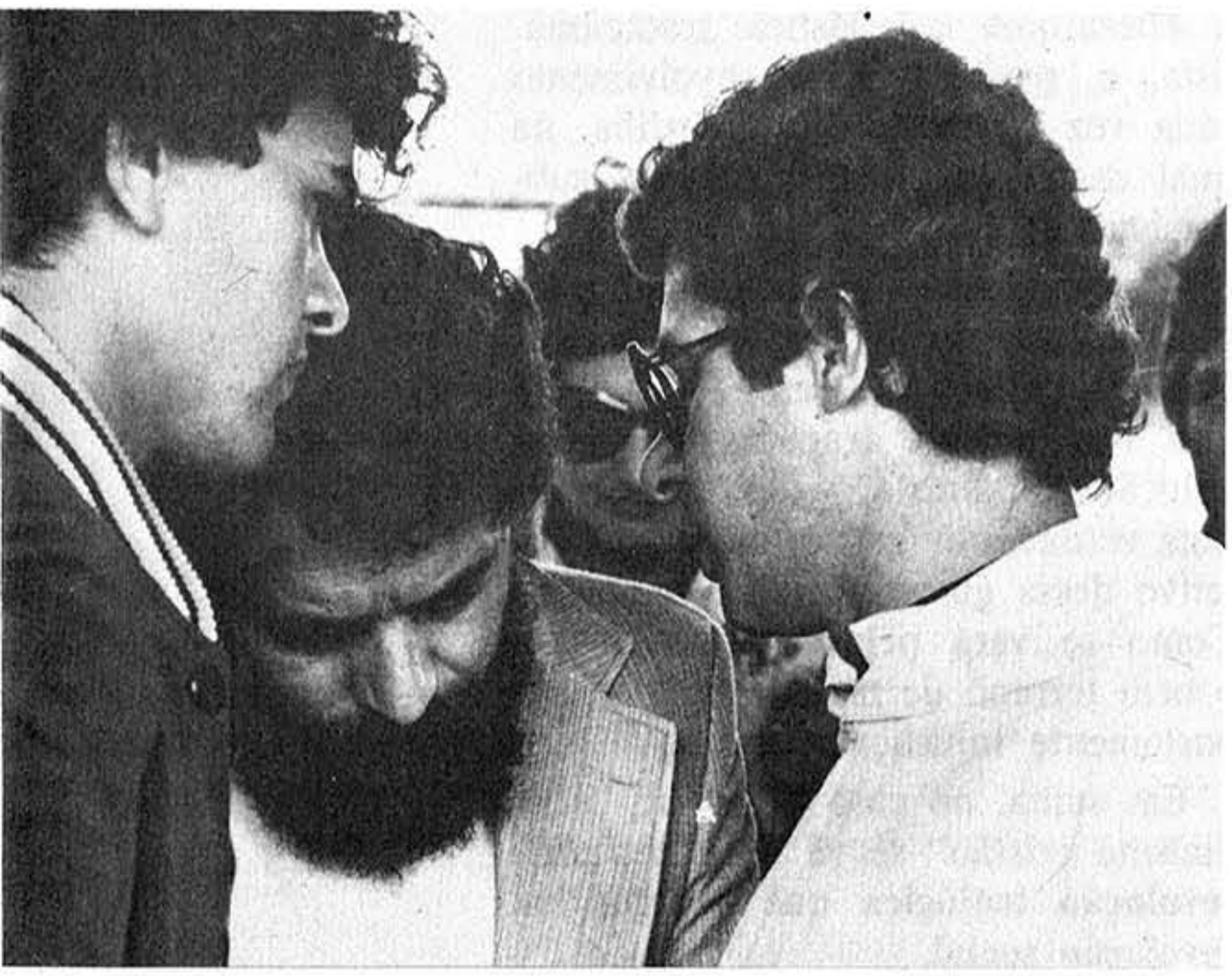
Rio Grande do Sul, onde atuava para facilitar a fuga de elementos subversivos para fora do País.

Os três dominicanos referidos foram condenados em primeira instância (13 de setembro de 1971) a **quatro anos de reclusão,** pela 2.ª Circunscrição Judiciária Militar. em São Paulo. O Superior Tribunal Militar confirmou a sentença em segunda instância (17 de julho de 1972), aplicando-lhe ainda a pena acessória de suspensão dos direitos políticos por dez anos. O Supremo Tribunal Federal, considerando que os frades condenados não eram "organizadores ou mantenedores" da "societas sceleris", mas apenas participantes do chamado "setor de apoio" ou "setor logístico", reduziu-lhes a pena, em suprema instância (25 de setembro de 1973), para dois anos de reclusão.

2. "Eminência parda" nas greves do ABC

Sobre as mais recentes atividades de Frei Betto, é sintomático o que registra o "Jornal do Brasil" (21-4-80), do Rio de Janeiro.

Em reportagem sobre a greve dos metalúrgicos do ABC, na Grande São Paulo, o jornal nota a presença "ostensiva" do "Bispo de Santo André, D. Cláudio Hummes, que aparece nas assembléias-gerais [dos trabalhadores] em momentos cruciais como o da decretação da greve e o da prisão de Lula [líder sindical] e não apenas transmite mensagens e instruções precisas como estimula o movimento com sermões de fé e de apoio".



AJB

"O representante mais evidente da Igreja junto ao centro da organização da greve, contudo — prossegue a reportagem —, **não é o bispo, mas um homem de sua confiança, o irmão leigo Carlos Alberto Libânio Cristo, conhecido nacionalmente como Frei Beto,** um dos quatro dominicanos acusados pela polícia política de terem marcado um **ponto** com o líder da ALN, Carlos Marighela, na noite de 4 de novembro de 1969, na Alameda Casa Branca, em São Paulo. Naquela noite, Carlos Marighela foi morto pelos policiais do DOPS de São Paulo".

Sempre segundo o "Jornal do Brasil", "a partir de então, Frei Beto, ao contrário de um de seus companheiros, sumiu do noticiário. Foi preso, solto, viajou para o Exterior, e voltou, semiclandestinamente, ao Brasil, para fazer um trabalho junto a uma comunidade de base em favela em Vitória, no Espírito Santos, antes de se instalar no ABC".

"Frei Beto tornou-se uma espécie de eminência parda da greve. Amigo pessoal e homem de confiança de Lula, passou a morar com o líder operário em sua casa, no Jardim Assunção, em São Bernardo do Campo. Frei Beto é conhecido por suas instruções táticas e, segundo um militante sindical, "é ele quem empurra Lula para a frente, na hora em que os pessimistas vêm com seus conselhos negativos e suas lamentações". (Os grifos são nossos).

A reportagem acrescenta que "ao contrário de organizadores evidentes da greve", Frei Betto "mantém-se à sombra de Lula. Sua única aparição pública foi quando ajudou o Bispo de Santo André, Dom Cláudio Hummes, na celebração da Missa de Páscoa, no mesmo estádio distrital (. . .) na Vila Euclides, em que se realizaram as gigantescas assembléias-gerais das greves do ano passado e deste ano".

Agitação política oscula a esquerda católica.

Para melhor entender o alcance desse ato, que constitui como que o ósculo da guerrilha nicaragüense vitoriosa à guerrilha brasileira que está em gestação, basta ter presente o papel de relevo que D. Pedro Casaldáliga desempenha na "esquerda católica" nacional.

Assim, o ósculo da subversão nicaragüense se destinou de imediato à "esquerda católica" brasileira.

Esta parecia, aliás, inteiramente predisposta a recebê-lo. É sintomático que a "Noite Sandinista" se tivesse realizado num teatro cedido pela Pontifícia Universidade Católica, a qual tem por chanceler S.E. o Cardeal D. Paulo Evaristo Arns, Arcebispo de São Paulo.

Agência Folhas

D. Paulo Evaristo Arns, Cardeal-Arcebispo de São Paulo, Chanceler da Pontifícia Universidade Católica, cedeu o teatro da PUC para a realização da "Noite Sandinista".

Na coordenação dos trabalhos, um frade cúmplice do terrorismo.

É também significativo que tenha sido designado para "coordenar" os trabalhos dessa noite Frei Betto, condenado a dois anos de prisão pela Justiça brasileira por sua participação na guerrilha urbana promovida pelo líder comunista Carlos Marighela. A cumplicidade de Frei Betto e de vários outros frades dominicanos (Sacerdotes e seminaristas) com o malogrado líder guerrilheiro, e a maneira infame como dois deles o traíram, constitui um dos maiores escândalos da História da Igreja no Brasil.

O "segmennto político" não arrasta as massas.

Como de costume, na América Latina, esse **segmento político** se mostra radicalmente insuficiente para obter, por si só, a conquista do poder. Bem sucedido em ambientes de intelectualóides e de burgueses **snobs,** não logra verdadeiro apoio nas massas inertes e despreocupadas.

O **segmento religioso** é que lhes traz esse apoio, por força da tradicional e profunda influência da Igreja nos países de formação ibérica.

O "segmento religioso" é o fator de vitória.

O fator decisivo da vitória está, pois, no Clero esquerdista.

Por isto, a grande pergunta, em função da qual se ordena a análise dos discursos proferidos na "Noite Sandinista", é esta: **como pôde suceder que a influência da Igreja tivesse sido de tal maneira instrumentalizada para o êxito do plano comunista?**

Influência da Igreja instrumentalizada pelos comunistas.

O depoimento do Pe. Uriel Molina é talvez o mais significativo e importante a tal respeito. Nele se vê como um grupo de jovens que chegaram ao Sacerdócio (o Pe. Uriel, depois de estudos em estabelecimentos conspícuos) constituiu terreno fácil para a pregação revolucionária. O que faz pensar na onda de esquerdismo que tem varrido largas áreas da Igreja nas últimas décadas.

Postos em contato com a subversão que começa a germinar na Nicarágua, os Sacerdotes, em lugar de averiguar, com imparcialidade, até que ponto existem abusos sócio-econômicos, para, em seguida, trabalharem no sentido de os sanar segundo os métodos tradicionais da Igreja, pelo contrário envolvem-se com os subversivos e encetam uma caminhada que os levará ao apoio entusiástico (e até marcado por certo complexo de inferioridade) da subversão.

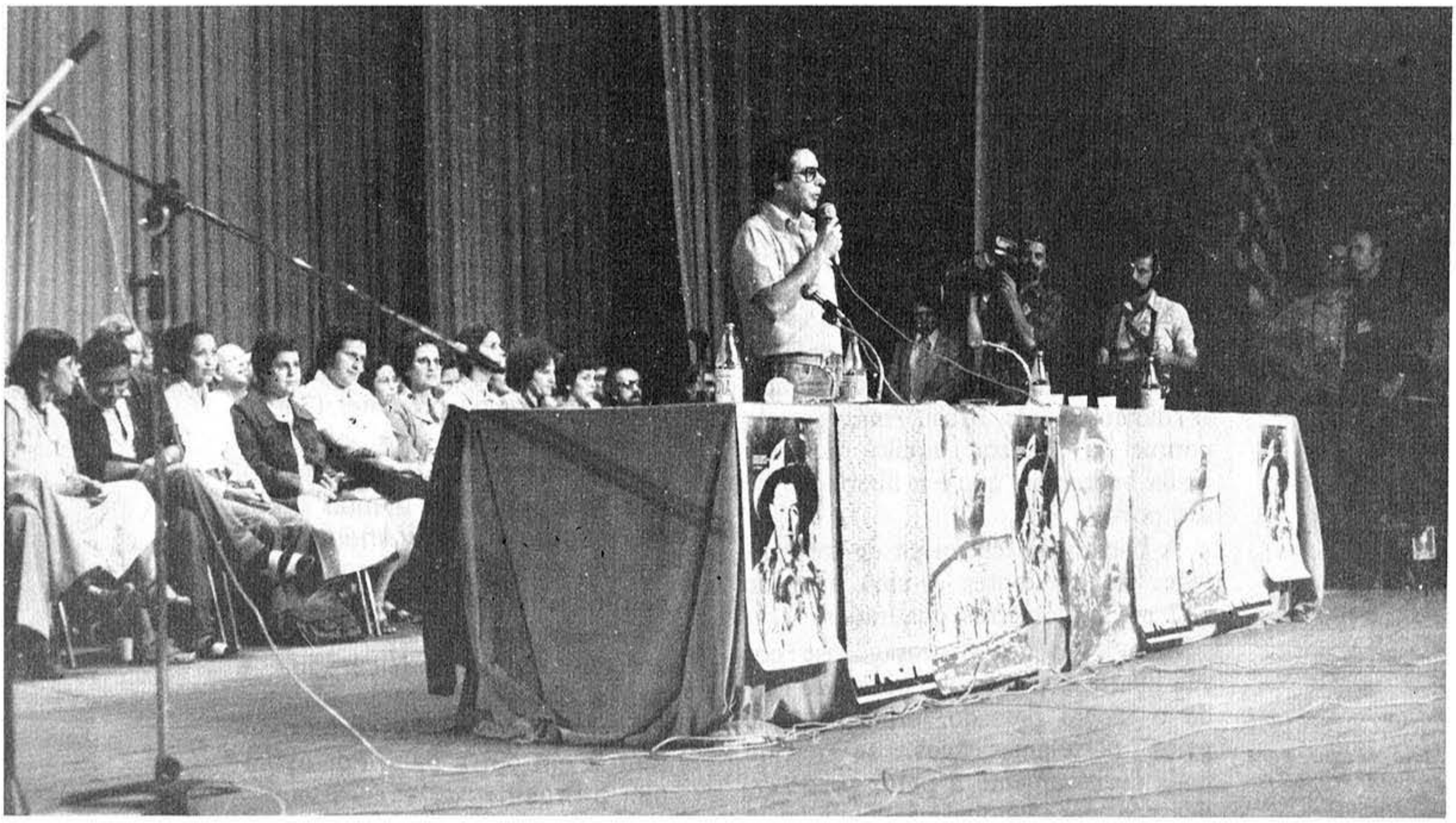
As várias etapas dessa caminhada aí estão historiadas: o choque interior entre a formação tradicional e os pendores para a subversão, as crises de consciência, o encontro com a Teologia da Libertação, os conflitos com a Hierarquia eclesiástica tradicionalista, e, **pari passu,** o envolvimento cada vez maior com a guerrilha, na qual desfechara a fermentação subversiva inicial.

A guerrilha, assim vista, toma para o Sacerdote, como para as Comunidades Eclesiais de Base — também elas inteiramente tragadas pela Revolução Sandinista — o caráter de uma verdadeira **"guerra santa".** O objetivo dessa guerra é, aliás, temporal. Como se verá pelos discursos, visa o bem terreno de massas, real ou supostamente injustiçadas.

Verdadeira "Guerra Santa" em prol do comunismo ateu.

Em suma, no caso típico do "sandinismo cristão" se vê uma profunda **revolução teológica** que deságua na **revolução social.**

1. Frei Betto introduz o tema



Frei Betto foi o cocrdenador dos trabalhos na 'Noite Sandinista". Atrás, participantes do Congresso Internacional Ecumênico de Teologia, que reuniu delegados de 42 nações.

Locutor. — Para iniciarmos as solenidades e os trabalhos desta noite, chamo a coordenar esta mesa o nosso conhecido e popular Frei Betto (palmas calorosas).

Frei Betto abre a sessão.

Frei Betto. — Bem, em primeiro lugar vocês já perceberam que estão presentes hoje, aqui conosco, os participantes do Congresso Internacional Ecumênico de Teologia, que representam 42 nações do mundo, sendo que a maioria do Terceiro Mundo e todas as nações da América Latina (1), com exceção de Cuba, porque o nosso Governo não mantém relações com o governo cubano (2). Mas, durante todo o Congresso nós fizemos questão de manter uma cadeira com a faixa de Cuba nas sessões do Congresso (palmas calorosas, assobios).

Homenagem ao regime cubano.

- (1) Declaração importante, porque deixa entrever que a esquerda ecumênica no Brasil integra uma imensa articulação internacional.
- (2) A única razão alegada para a ausência de Cuba é essa. Num congresso de "libertação", nenhum outro obstáculo há a que se receba como parceiro o representante de um regime sob cujo jugo tirânico (jamais excedido em amplitude de poderes e em truculência de punições, em todo o mundo ibero-americano) jaz todo o povo cubano. O

despotismo só é atacado como odioso, nessa sessão, quando é inculpado por ele o regime capitalista. É-se propenso a admitir que a hostilidade do Congresso contra o capitalismo visa muito menos a opressão do que o capitalismo em si.

O tema: ação pastoral e ação política na Nicarágua.

O tema de hoje seria: **Prática pastoral e prática política.** Mas nada mais adequado do que apresentar a "convertude" (sic) histórica da prática pastoral, com as suas conseqüências políticas, como foi o caso da Nicarágua (3).

- (3) A transposição do tema oficialmente anunciado, para o tema que vai ser tratado, deixa ver com clareza que o "caso da Nicarágua" constitui, segundo a mente dos organizadores da Semana de Teologia em geral, e de Frei Betto em particular, um exemplo histórico perfeito de *Prática pastoral e prática política,* cuja narração esgota a matéria.

Elogio da Revolução Nicaraguense.

A Nicarágua é um pequeno país da América Central, pequeno comparado às dimensões do Brasil, mas grande porque já realizou aquilo que nós ainda buscamos, que é a libertação de seu povo.

A Nicarágua tem cerca de três milhões de habitantes e uma área de 132 mil quilômetros quadrados.

A luta do povo nicaragüense por sua libertação, um povo oprimido desde o século passado, principalmente pelos norte-americanos, se iniciou mais decisivamente a partir de 1927, liderada por Sandino. Sandino levou essa luta, plantou a semente dessa luta até 1934, quando foi assassinado pelo pai do ditador Somoza, derrubado no ano passado.

Meio século para preparar uma revolução.

De 1934 a 1956 a luta se dá principalmente nas montanhas e entre os camponeses. E em 1956 os guerrilheiros vingam a morte de Sandino com a morte de Somoza.

De 1956 a 1963 surge a Frente Sandinista de Libertação Nacional, fundada pelo revolucionário Carlos Fonseca Amador, que foi assassinado pelas forças da repressão em 1976.

63 a 67 são os anos de **implantação e de expansão** dos grupos guerrilheiros. 67 a 1974 é a fase de **acumulação de forças,** inclusive nas cidades.

De 74 a 77 se desencadeia uma forte repressão sobre a Frente Sandinista e os combatentes revolucionários.

Mas a partir de outubro de 1977, a Frente Sandinista de Libertação Nacional consegue unificar os grupos de oposição da Nicarágua e consegue desencadear **o processo de luta** (4) que efetivamente resulta na queda da ditadura da família Somoza, que estava no poder há 45 anos. E no dia 19 de julho de 1979, a Frente Sandinista e o povo da Nicarágua passam efetivamente a viver num país livre (5).

- (4) A exposição divide a história da Revolução Nicaragüense nas etapas por que habitualmente passam os movimentos congêneres:
  a) longa e confusa pré-história corpuscular;
  b) acumulação de forças;
  c) desencadeamento da revolução.
- (5) O processo desfecha, pois, em vitória.

* * *

Eu gostaria de anunciar os nomes dos companheiros nicaragüenses que participaram **efetivamente** da luta (6) e que estão aqui presentes (7):

Homenagem à delegação nicaraguense. E implicitamente à violência...

- (6) Afirmação que constitui um implícito elogio da Revolução Nicaragüense à mão armada, e dos que *efetivamente* dela participaram. O que importa em admitir a legitimidade da violência, pelo menos nas condições em que estava a Nicarágua. E que a demagogia pode afirmar, a qualquer momento, como existentes em outro país. Por exemplo, o Brasil.
- (7) Notar, na nominata que segue, a importância e o número dos integrantes da representação enviada pela Revolução Nicaragüense, para participar da sessão.

Entre nós estão presentes:

— O Comandante Daniel Ortega Saavedra (palmas calorosas) que é membro da Junta de Governo de Reconstrução da Nicarágua e é da Direção Nacional da Frente Sandinista de Libertação Nacional;

— Está presente também o Pe. Miguel D'Escoto, que é o Ministro das Relações Exteriores da Nicarágua (palmas);

— Está presente o Sr. Manuel Espinoza, que é o Diretor de Divulgação e Imprensa da Junta de Governo de Reconstrução da Nicarágua (palmas);

UPI

Delegação cubana "de saúde" recebida com honras pelo governo revolucionário em Manágua. Cuba foi um dos primeiros países a reconhecer o regime sandinista da Nicarágua.

— Rosário Murillo, Assistente da Junta de Governo (palmas);
— Vanil Lacano, Diretor do Instituto Nicaragüense de Cinema (palmas);
— David Gutiérrez, do jornal "Barricada" da Frente Sandinista (palmas);
— Adrián Carrasco, do Serviço de Divulgação e Imprensa da Junta de Governo (palmas);
— Rafael Ruiz, do Instituto Nicaragüense de Cinema (palmas);
— Socorro Guerrero, das **Comunidades de Base de Manágua** (palmas) (8);

● (8) A presença desta lutadora, e dos outros guerrilheiros a seguir anunciados, acentua o prestígio da violência como fator representativo da Revolução Nicaragüense.

— David Chavarría, membro da Frente Sandinista de Libertação Nacional (palmas) e também das **Comunidades de Base** da Nicarágua (palmas).
— Agustín Zambola, que trabalha junto aos camponeses da Nicarágua;
— e o Pe. Uriel Molina, que é Pároco na periferia de Manágua (palmas).

* * *

Eu gostaria de chamar à mesa, então, aqueles que vão ter a oportunidade de falar para nós, hoje, e nós o privilégio de ouvi-los.

— Em primeiro lugar, eu chamo à mesa a Sra. Socorro Guerrero, das Comunidades de Base de Manágua (palmas);
— Chamo agora um rapaz que é membro das Comunidades de Base da Igreja nicaragüense, que esteve preso e combateu efetivamente na Frente Sandinista pela libertação de seu povo, e também participa conosco do Congresso, que é o Comandante David Chavarría (palmas) (9);

● (9) Idem comentário 8.

— Chamo um homem cujo trabalho se desenvolveu sobretudo junto aos camponeses, mas que empunha também a bandeira de luta de emancipação dos negros na América Latina, que é Agustín Zambola (palmas);
— Chamo agora um Vigário da periferia de Manágua, e de cuja Paró-

quia vários jovens se engajaram na luta de libertação, Pe. Uriel Molina (palmas) (10);

● (10) Idem comentário 8.

— E agora tenho a honra de chamar o Pe. Miguel D'Escoto, que é o Ministro das Relações Exteriores da Nicarágua (palmas);

— A Frente Sandinista deve muito a vitória de sua luta a três irmãos que nasceram num pequeno povoado da Nicarágua, chamado Libertad. São os irmãos Camilo, Humberto e Daniel Ortega Saavedra (palmas prolongadas). Camilo Ortega Saavedra morreu em combate em 1978. Humberto, Comandante Humberto é hoje Ministro da Defesa da Nicarágua. O Comandante Daniel Ortega Saavedra, aqui conosco, é membro da Junta de Governo de Reconstrução da Nicarágua, e da Direção Nacional da Frente Sandinista de Libertação Nacional (11).

● (11) Idem comentário 8.

2. Uniforme guerrilheiro para um Bispo do Brasil

Frei Betto. — E para iniciarmos esta sessão, nós vamos ouvir uma homenagem do Grupo-Teatro União e Olho Vivo (palmas).

Música nicaraguense inicia a sessão.

Idibal Piveta. — Companheiros, a primeira música desta noite, desta noite da América Latina, da liberdade e da justiça social, é uma música, como não poderia deixar de ser, da Nicarágua, uma música do povo da Nicarágua, feita para Sandino.

— Música (palmas).

Esta música é uma música dedicada ao comandante em chefe da Revolução da Nicarágua, Carlos Fonseca Amador, morto no Departamento de Zelaya em 1977 lutando pela liberdade da América Latina e pelos povos do Terceiro Mundo.

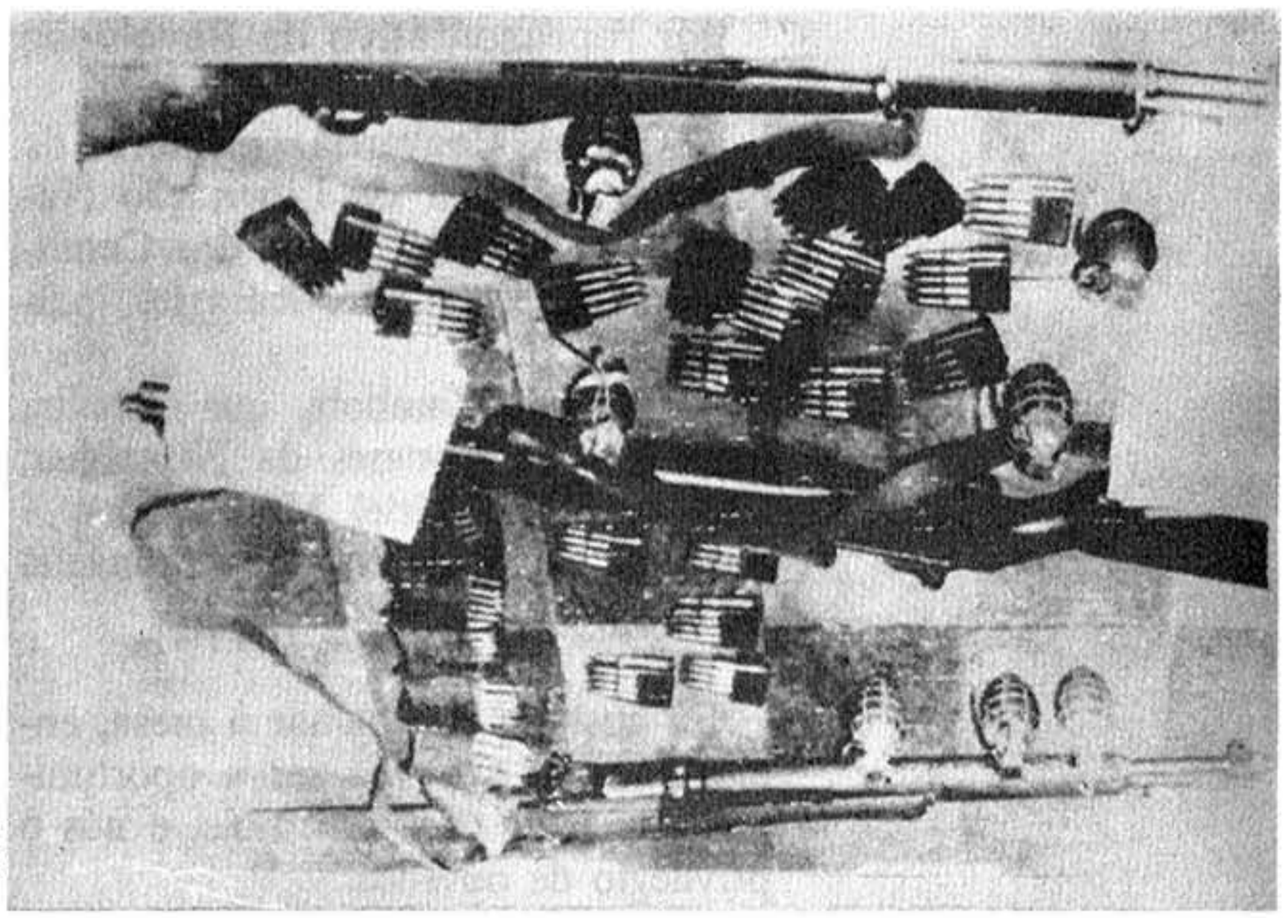
Quando nós estivemos, em dezembro, na Nicarágua, levando a nossa pequena solidariedade ao povo da Nicarágua e da América Latina, nós recebemos alguns uniformes e presentes dos guerrilheiros da Nicarágua, para que nós déssemos a companheiros brasileiros (12). Para homenagear aqueles brasileiros que têm lutado pelo seu povo, pela liberdade e pela justiça social (13).

Presente simbólico: uniforme de guerrilheiro.

● (12) Como se vê, a outorga é feita pelo coordenador do conjunto musical brasileiro União e Olho Vivo, cujos integrantes tinham ido à Nicarágua visitar seus irmãos sandinistas. Receberam então destes — expressivo símbolo de comunhão de metas e métodos — alguns uniformes de guerrilheiro, para que os distribuíssem, não menos significativamente, a "companheiros" brasileiros. Um dos galardoados com a "honraria" foi D. Pedro Casaldáliga. O que, por sua vez, é rico de significação.

● (13) Notar o alcance simbólico da outorga do uniforme: parece convidar os presentes a que, por seu turno, se entreguem à violência.

Verdadeiro arsenal numa escola dirigida por Padres salesianos, em Masaya, a leste de Manágua: rifles, granadas, munição. Três Sacerdotes foram presos, segundo a agência UPI.



UPI

Eu gostaria de entregar este uniforme, dado por uma companheira guerrilheira da Nicarágua, a D. Pedro Casaldáliga! (palmas estrondosas, assobios, gritos) (14).

- (14) D. Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia, é aqui aclamado, e por assim dizer investido, na qualidade de chefe do que se poderia designar como a ala do "esquerdismo católico" brasileiro explicitamente partidária da revolução social à mão armada.

Uniforme de guerrilheiro: "sacramento de libertação".

D. Pedro Casaldáliga. — Eu vou procurar agradecer com os feitos, voy a procurar agradecer este sacramento de liberación que acabo de recibir, con los hechos (15). Este color verde é verde da cor como as nossas matas sacrificadas da Amazônia. Às vezes significou a repressão, a tortura. Tem significado também, na Nicarágua, a libertação, a vida, uma pátria nova.

- (15) O Prelado recebe o presente simbólico e promete engajar-se.

Bispo promete agradecer até com sangue.

Digo que vou procurar agradecer com os feitos e, se for preciso, com o sangue (palmas) (16). Juntaremos nossa esperança comum, que é fé em Deus e fé no povo dos pobres; vontade de termos uma América nova, livre; vontade de conquistarmos a liberdade, que não se dá, se conquista. Unidos dentro de cada pátria, os diferentes povos — indígenas, negros — unidos pátria com pátria.

- (16) Idem, até "o sangue".

Este dia de hoje, para mim, para todos nós, é um dia verdadeiramente histórico.

Por primeira vez, no Brasil, no mundo, a fé da Igreja pensada em teologia, a fé da Igreja partilhada ecumenicamente, Igreja Católica (17), igrejas evangélicas, é testemunhada pela prática, pelo compromisso de uma caridade que se torna social e política **até a morte** (18) para ganhar a vida.

D. Casaldaliga: compromisso "social e político até à morte.

- (17) D. Casaldáliga procura comprometer veladamente a própria Igreja Católica no símbolo que recebe.
- (18) Mais uma apologia da violência.

Eu me sinto, vestido de guerrilheiro, como me poderia sentir **paramentado de padre** (palmas calorosas). É a mesma **celebração** que nos empurra à mesma esperança.

Com jaqueta de guerrilheiro "paramentado como padre".

Apenas para terminar, gostaria de pedir para todos vocês, que sejamos conseqüentes. O que estamos celebrando, o que estamos aplaudindo nos compromete até o fim (19).

- (19) D. Casaldáliga procura desde logo arrastar os ouvintes para a efetivação de um tipo de ação do mesmo gênero do que merece o seu aplauso.

AP

Na alça de mira da propaganda guerrilheiro-revolucionária, o Brasil. Os sandinistas vieram aqui para dizer que a revolução em nosso País "não é impossível".

Nicarágua nos deu o exemplo: todos nós, todos os povos da América Latina, todos os povos do Terceiro Mundo, vamos atrás! (palmas prolongadas) (20).

- (20) O Prelado incita a uma revolução *internacional* do tipo nicaragüense.

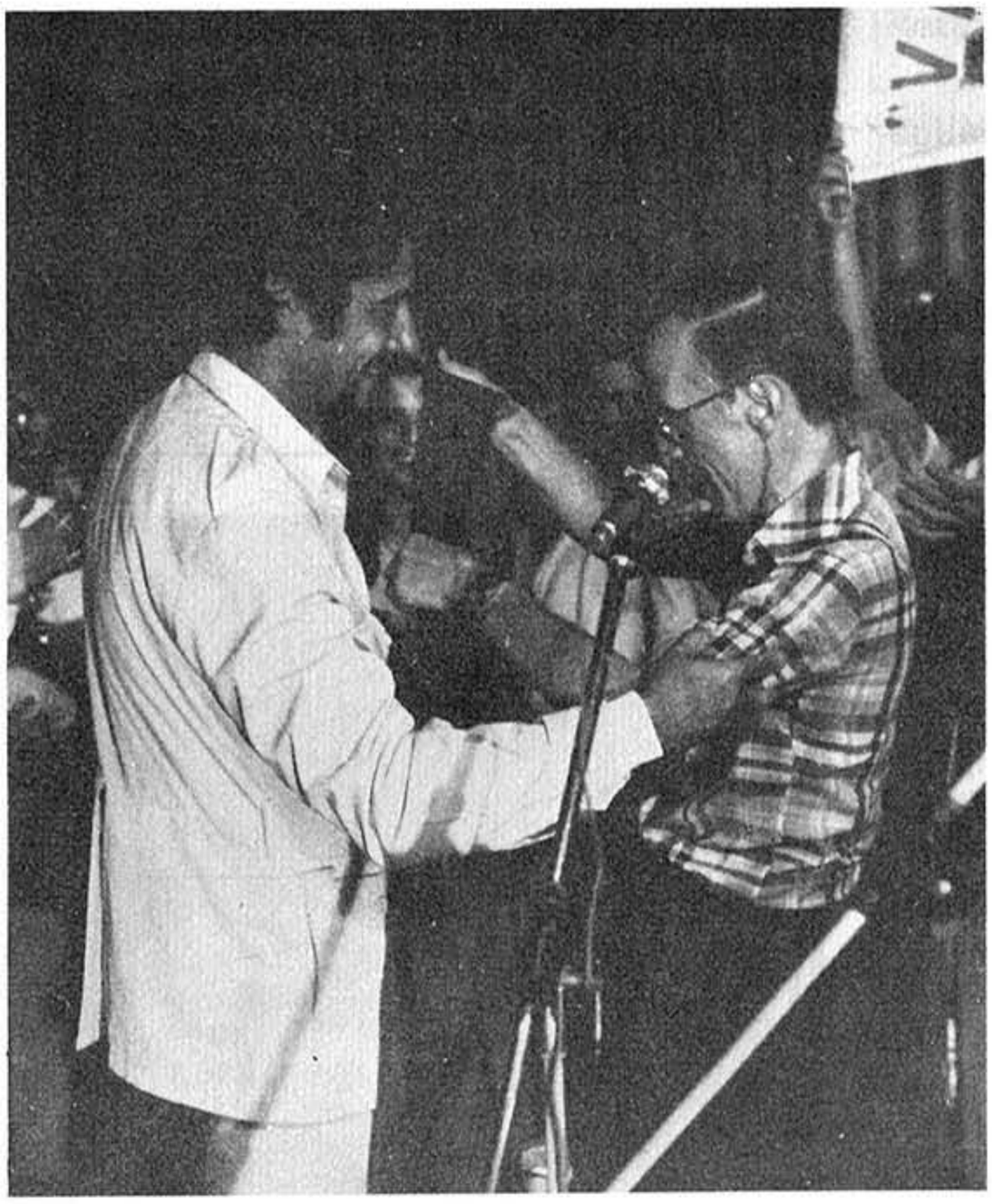
"Olho Vivo": cântico de homenagem a "martir".

Membro do Grupo-Teatro União e Olho Vivo. — Nós vamos cantar essa música, que é dedicada ao comandante Carlos Fonseca Amador, e vamos pedir ao público que acompanhe o refrão do estribilho, que é muito fácil; é uma música de toda a Nicarágua. O estribilho é o seguinte:
"Comandante Carlos Fonseca,
Comandante Carlos, Carlos Fonseca,
tan gran vencedor de la muerte,
novio de la patria roja y negra,
Nicaragua entera te grita: presente".

Este é o retrato do comandante Carlos Fonseca Amador.

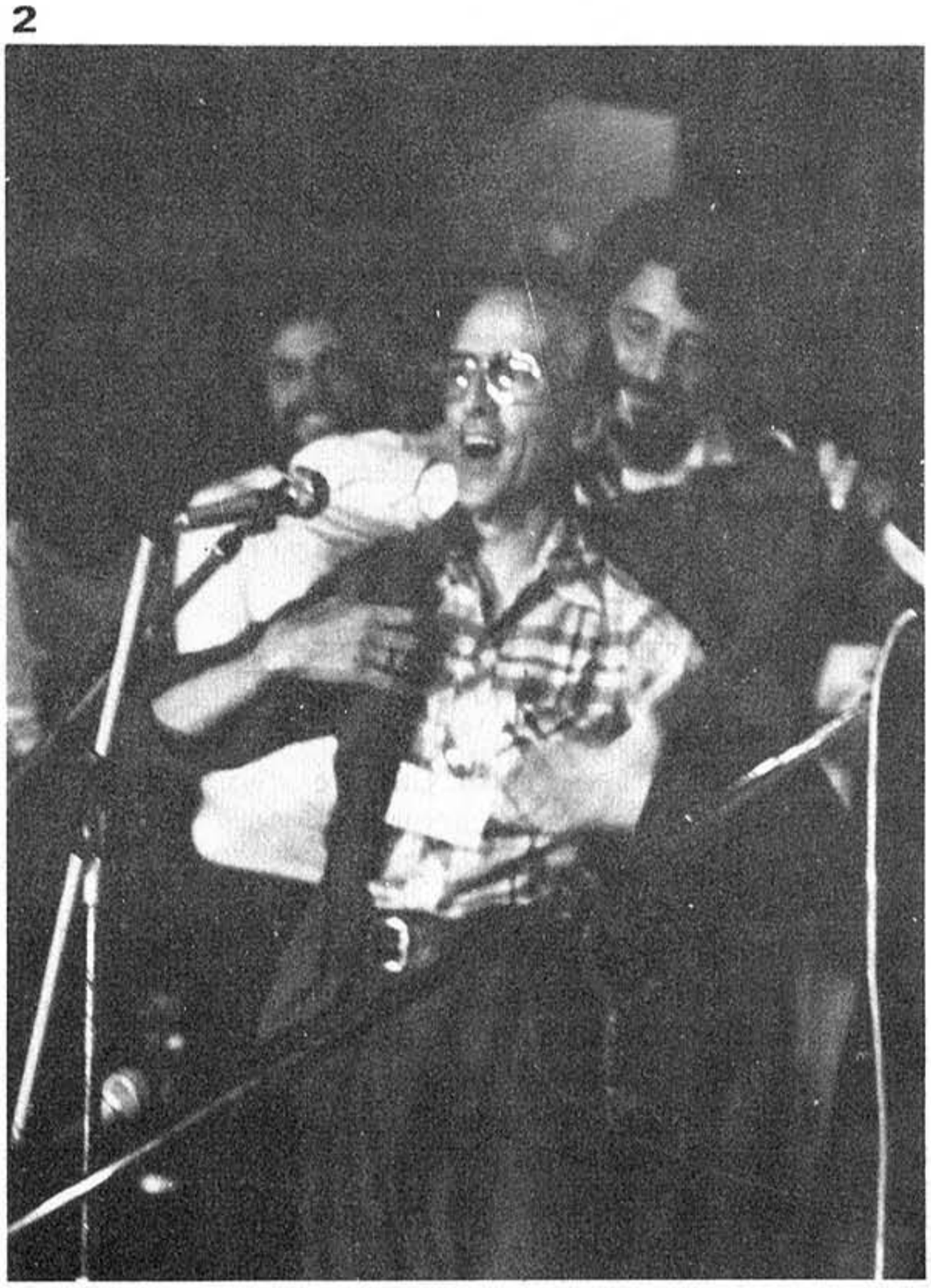
— Música (palmas).

BISPO VESTE



1

2



1. D. Pedro Casaldáliga (à direita) rececebe das mãos do advogado Idibal Piveta o uniforme de guerrilheiro sandinista trazido da Nicarágua...

2. ...e entra numa espécie de "êxtase" ao vestir a jaqueta.

3. "Vou procurar agradecer este sacramento de libertação que acabo de receber (...) com os feitos e, se for preciso, com o sangue", garante o Bispo-Prelado de São Félix do Araguaia.

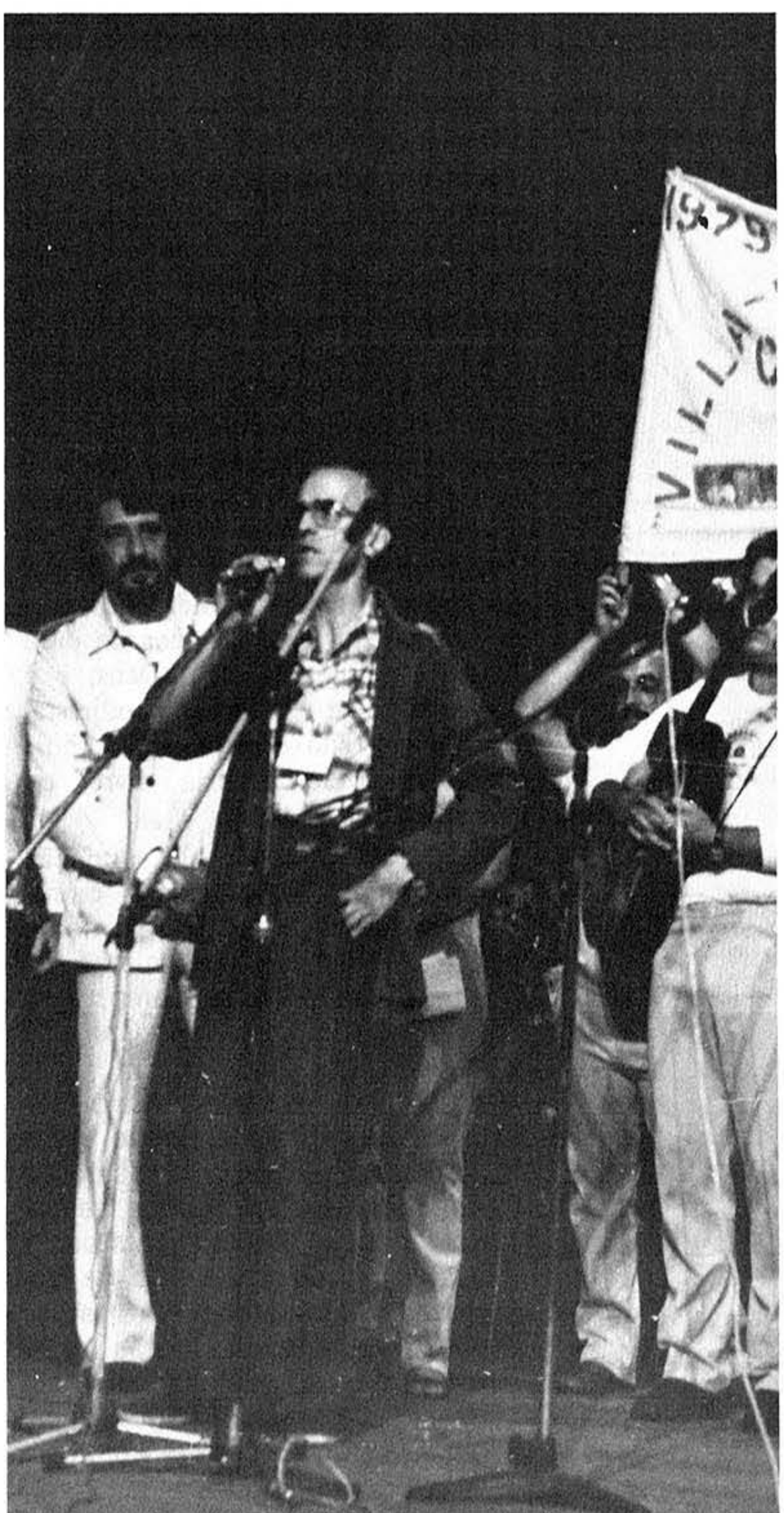
4. Reafirmando o propósito de lutar e de testemunhar pela prática "até a morte" o compromisso de uma caridade "social e política", D. Casaldáliga conclui: "Eu me sinto, vestido de guerrilheiro, como me poderia sentir paramentado de Padre".

5. D. Casaldáliga (à direita) abraça Idibal Piveta no ato em que este entrega ao Prelado o uniforme guerrilheiro. Um símbolo eloqüente de aliança progressismo-subversão.

UNIFORME DE GUERRILHEIRO

5

4



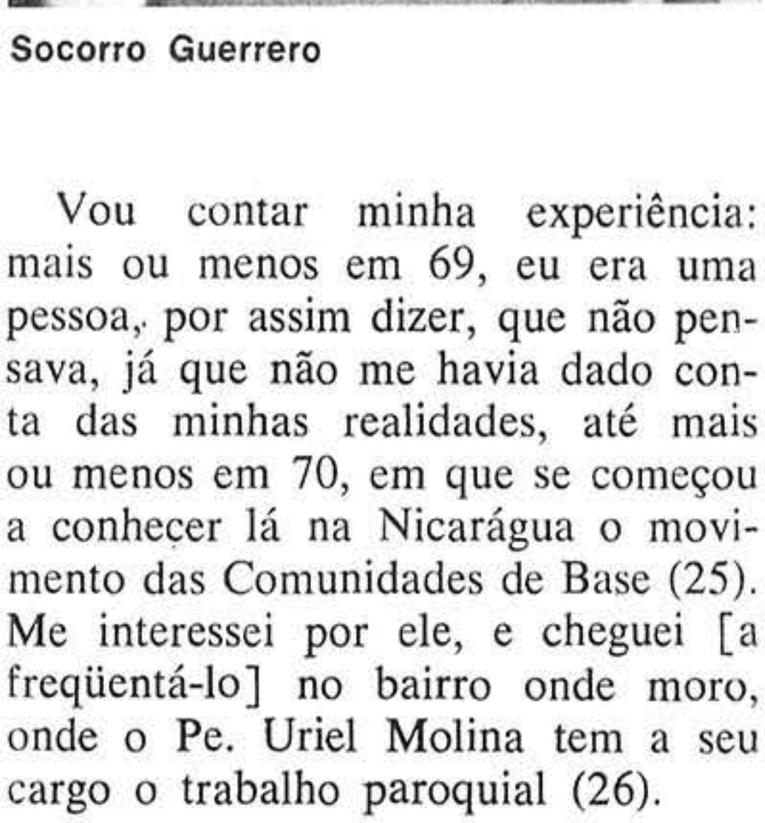
3

3. Fala uma guerrilheira das Comunidades de Base

Com a palavra os nicaraguenses: fala uma guerrilheira.

Frei Betto. — Vamos ouvir, depois desta bela apresentação do Grupo União e Olho Vivo, vamos ouvir a companheira Socorro Guerrero sobre o problema (palmas).

Socorro Guerrero. — Boa noite, companheiros (21). **Em nome das Comunidades Cristãs** (22) e dos movimentos populares da Nicarágua, vou contar-lhes minha pequena experiência como uma mulher proletária, uma mulher dos bairros marginalizados da Nicarágua, como tantos desses que vocês têm aqui no Brasil (23). Uma mulher que em nome de todas as mães — eu me atrevo a tomar o direito de dizer-lhes — que em nome de todas as mães da Nicarágua, de todas aquelas mães sofridas, aquelas mães que foram exploradas por cerca de quarenta e cinco anos de dura ditadura, e que, graças a Deus, e à vanguarda, que é a Frente Sandinista, e ao povo todo da Nicarágua, hoje podemos dizer: "Pátria livre ou **morrer!"** (24).



Socorro Guerrero

Vou contar minha experiência: mais ou menos em 69, eu era uma pessoa, por assim dizer, que não pensava, já que não me havia dado conta das minhas realidades, até mais ou menos em 70, em que se começou a conhecer lá na Nicarágua o movimento das Comunidades de Base (25). Me interessei por ele, e cheguei [a freqüentá-lo] no bairro onde moro, onde o Pe. Uriel Molina tem a seu cargo o trabalho paroquial (26).

Uma "desengajada"...

...que se engaja nas Comunidades de Base.

- (21) "Compañeros": saudação equivalente ao clássico "camaradas" marxista. É o tratamento que se dão os comunistas de língua espanhola, como, por exemplo, em Cuba e no Chile de Allende.
- (22) As narrações históricas dos diversos oradores são todas voltadas a realçar a participação religiosa na *frente única* de comunistas e não comunistas, a qual derrotou o governo de Somoza. "Comunidades Cristãs" ou "Comunidades Cristãs populares" é como são chamadas em muitos países de língua espanhola as Comunidades Eclesiais de Base.
- (23) Clara insinuação de que a situação do Brasil apresenta aspectos tão próprios a provocar a revolução social, quanto aos da situação nicaragüense hoje abolida.
- (24) Mais um incitamento à violência.
- (25) As Comunidades de Base, primeiro passo para o *engajamento* total na revolução.
- (26) A vida de piedade da recruta passa a exercer-se na paróquia de um Padre que é partícipe da agitação. Vai surgindo o caráter religioso da violência revolucionária.

E começamos, então, a questionar-nos **através da Bíblia.** É sabiamente que Deus deu esse carisma, de que através da Palavra de Deus nós chegamos a descobrir nossa realidade social, a realidade em que vivíamos afundados, em que não tínhamos água, não tínhamos luz, não tínhamos alimentação, o serviço hospitalar era precário, enfim, uma série de coisas

"Conscientização" e Bíblia.

assim. E, sobretudo, o que descobrimos, melhor dizendo, redescobrimos, é o dom que Deus nos havia dado desde que nascemos, mas que às vezes, pelas circunstâncias em que a gente se desenvolve... ainda mais uma pessoa como eu, sem preparação — pois lhes digo que cheguei apenas ao terceiro ano primário, sem saber quase escrever, apenas a ler — cheguei a compreender esse tesouro que só se descobre através de Deus (27), e do companheiro que temos ao lado...

- (27) A partir dos fatos comentados nas duas últimas notas, verifica-se que a oradora foi motivada em sua atitude revolucionária pelo contato com ambientes da "esquerda católica". Por estes foi ela conduzida a uma visão peculiar da Bíblia e da doutrina católica, própria a estimular a Revolução. A mesma luta que os comunistas desenvolvem em nome do ateísmo explícito, e até proclamado, começa por afigurar-se a essa recruta católica do sandinismo revolucionário uma como que *"guerra santa"*.

E cheguei a compreender que o problema era grande. Mas isto se fez através de estudos bíblicos, quando questionávamos nossas realidades através do Evangelho (28).

- (28) "Conscientização".

É aí que realmente se toma consciência do problema social em que se vive. **Surge então o segundo passo.** A pessoa tinha já um certo matiz político, pode-se dizer, porque quando a pessoa se mete nos problemas sociais de seu país é já um homem político (29), **um homem que de fato tem que ser político,** porque tudo o que o rodeia o tem que questionar.

- (29) À *"conscientização"* se segue a *politização*. É o roteiro clássico do trabalho comunista de *agitação*.

Aconteceu então que os companheiros que hoje estão na Frente Sandinista — Juan Silva, Joaquín Cuadra, Osvaldo Lacayo, Carlos Nuñez — e uma série de companheiros que hoje estão... que são nossos comandantes... Eles me disseram que precisavam de uma casa que, mais ou menos, desse uma aparência de uma casa normal de família. Eu tive medo, por que não vou dizer? Mas o **meu próprio cristianismo,** minha própria necessidade... Eu dizia: "Algum dia nós vamos ver uma Nicarágua livre... Tenho que fazer algo" (30). Aí então meu compromisso tornou-se já mais forte; então eu aceitei e fui colaborar com os companheiros da **Frente Sandinista** (31).

Da politização à ação revolucionária.

Assistentes aplaudem o incitamento à revolução, no Brasil, feito pelos sandinistas nicaragüenses. Não faltaram os punhos cerrados, gesto característico dos comunistas.

- (30) Motivada pela Religião, a oradora dá outro passo no mesmo roteiro: da politização passa à ação.
- (31) Sempre engajada pela mesma motivação religiosa, a oradora entra numa *frente única* com comunistas. Estes, imensamente superiores em técnicas de ação e recursos econômicos, em articulações políticas internacionais, constituem — não é difícil prever — o elemento verdadeiramente aglutinador e diretivo de *frentes* do gênero.

Vivemos momentos felizes, momentos difíceis. Porque — vou lhes dizer — quando a gente tem uma Guarda como aquela de Somoza, que a gente sabia bem que faziam operações de "limpeza", e que sabíamos que estávamos bem comprometidos, tínhamos medo de morrer.

Porém, já nos havíamos decidido, e especialmente eu já não tinha medo de morrer. Eu sabia que era melhor morrer assim do que ficar tão velha, chegar aos 80 ou 90 anos morrendo lentamente (palmas).

Incitamento revolucionário para o Brasil.

E o que eu quero dizer-lhes com isso é que animo a todas as Comunidades de Base e aos movimentos populares, porque é verdade que **aqui no Brasil** — que, pelo pouco que conheci, é tão grande — vai ser difícil uma Revolução, mas não vai ser impossível (palmas) (32).

- (32) O incitamento aos descontentes do Brasil é explícito.

É necessário que todos se ajudem mutuamente, porque é da união que nasce a força. Não podemos deixar... Vocês... É algo que me questionou, pois é verdade que em meu país existem ainda, mas que logo, pouco a pouco, vão desaparecer, isso que vocês chamam "favelas". É algo que senti terrivelmente, quase chorei. Porque é — dizia eu — que eu estou aqui neste Instituto tão lindo, onde tenho cama, onde há de tudo — comida, cobertor, colcha, sei lá o que — e estes irmãos... Porque são nossos irmãos, aí está o Corpo de Cristo. Eu queria que vocês se questionassem um pouquinho mais... (33).

A começar pela "conscientização".

- (33) A oradora põe mãos à obra, procurando começar o processo revolucionário no Brasil pela primeira etapa, isto é, a "conscientização" dos ouvintes.

Eu sei que todos os que estão aqui têm bom coração, que são cristãos. Mas questionem um pouco mais, me parece, **esse monstro que vocês têm de um capitalismo**... (aplausos). Não quero que entendam isto como uma repreensão mas sim como algo que... que nós, os nicaragüenses, estamos **conscientes** de que o capitalismo é o pior, o maior inimigo (34). **É aquilo que chamamos o diabo, na Bíblia. Porque o diabo em si, não existe,** mas o capitalismo sim, existe, e nos aprisiona e nos tira até nosso ser, esse ser que Deus nos deu (35).

Também para o Brasil: anticapitalismo.

Uma "católica revolucionária" proclama: "não creio no demônio".

- (34) A "conscientização" acentua o seu caráter anti-capitalista.
- (35) Notar que a oradora, que se diz católica, nega entretanto explicitamente a existência do demônio, como quem está segura de que sua afirmação tem apoio em teólogos que lhe obtiveram a inteira confiança.

É por isso que eu lhes digo: nós, na Nicarágua, hoje vivemos felizes. E essa felicidade, nós a vamos conquistar seja como for. Porque, se é verdade que eu nunca peguei num fuzil, agora eu digo aos companheiros: **"Preciso que vocês me ensinem a usar um fuzil". Porque o dia em que nós formos invadidos, eu não vou permitir! Eu vou pegar essa arma que não peguei antes, porque tinha medo de dizer a alguém: "Pegue o fuzil". Mas eu tenho que pegá-lo. E todos os nicaragüenses estamos dispostos a pegá-lo** (36). Porque se nós não o pegamos logo... porque, não acreditem: não há Revolução sem Contra-Revolução. Nós não estamos esperançosos, não estamos iludidos de que não nos vão invadir. De um modo ou de outro vamos ser invadidos. Porque, creiam-me, o inimigo é grande e lhe foi tirado o melhor que ele tinha da Nicarágua. E então nós conseguimos isso, com a vanguarda e a Frente Sandinista e o povo em geral.

A "desengajada" tinha medo.

- (36) Quais são os invasores conjecturados pela oradora? Ela não o diz. O ouvinte fica a pensar em uma eventual "revanche somozista", possivelmente com o apoio de amigos de Somoza nos Estados Unidos, em cujo território o ex-Presidente se refugiou logo depois de deposto.

  De qualquer forma, merece destaque a explicação dada pela oradora do porquê ela não pegou

em armas durante a Revolução Sandinista. Não foi nenhuma razão de consciência, decorrente de princípios religiosos, mas tão-somente um fator psicológico: "tinha medo". O que faz ver que o ensino religioso que ela recebeu não continha qualquer censura à violência.

Até as crianças participaram da Revolução.

Porque todo o povo é que lutou. Vocês não imaginam como nossos meninos lutavam: faziam barricadas, atiravam pedras, recolhiam os feridos das ruas (37). Eles eram felizes, os meninos. Não sei, eles nasceram com essa felicidade que agora conquistaram.

- (37) O convite à Revolução se estende implicitamente até às crianças.

Muito obrigada, companheiros, por esta calorosa homenagem que me concederam... (aplausos).

Frei Betto. — A Sra. Socorro Guerrero disse que **em nome da comunidade cristã e dos movimentos populares** (38), ela ia contar sua experiência como mulher proletária da periferia de Manágua. E sobretudo em nome de todas as mães nicaragüenses exploradas durante 45 anos, mas que hoje, graças à Frente Sandinista de Libertação Nacional, podem dizer: "Pátria livre ou morrer".

- (38) Também Frei Betto entendeu que a oradora pretendia falar *"em nome da comunidade cristã"*, e não apenas dos "movimentos populares".

E ela contou então que, em 1969, não pensava em nada, não se dava conta da realidade, até que, em 1970, começou a participar das Comunidades... (gravação interrompida).

4. Discursa um guerrilheiro "cristão"

O segundo orador nicaraguense: militante das Comunidades de Bases e guerrilheiro.

David Chavarría. — Obrigado, **companheiros!** O testemunho que eu poderia oferecer esta noite é o testemunho de toda uma experiência vivida em cerca de doze anos de integração em uma comunidade cristã, da qual já falou a companheira Socorro (39). De uma militância de quase sete anos nas fileiras da Frente Sandinista.

David Chavarría

- (39) O presente discurso constitui pois uma versão masculina de vida e luta em *"comunidades cristãs"* (ou seja, em *Comunidades Eclesiais de Base)* revolucionárias, simétrica com a versão feminina da *"companheira Socorro"*.

A companheira Socorro explicava como se dá este passo de integração, motivado na consciência e no despertar dos problemas de um povo, sob a perspectiva cristã.

Um estranho conceito de "encarnação".

Quero dizer que é precisamente uma profunda **convicção cristã,** que **somente se realiza** em uma **encarnação, na identificação dos sofrimentos e dores de um povo** que sofre debaixo da ditadura oprobriosa dos gorilas militares impostos por potências estrangeiras (40).

- (40) Merece análise o emprego metafórico, mas dúbio, que o *"companheiro David"* faz da palavra "encarnação", a qual, no vocabulário cristão correto, tem seu significado-princeps, que é a Encarnação do Verbo de Deus.

Dir-se-ia que *"encarnação"* alude aí à *"conscientização"*, à *politização* e ao *engajamento* do revolucionário. Na *"identifica-*

ção com os sofrimentos e dores do povo" etc., haveria um símile com a vida pública de Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual renunciou à sua vida, à sua família etc.

A *"convicção cristã .... somente se realiza"* quando o cristão se identifica desta maneira com a luta de classes, encarna os sofrimentos do povo, renuncia a tudo para libertá-lo, expõe sua vida e até a perde etc.

"Somente": não há outra alternativa para o cristão senão travar a luta de classes. *"Somente"* assim imita ele a Jesus Cristo.

Esta afirmação parece ter como corolário que o próprio Jesus Cristo não foi senão isto: um revolucionário.

Renúncia à vida, à família e ao próprio nome.

Essa profunda convicção cristã — se somos conseqüentes com ela — tem que nos levar irremediavelmente à renúncia de nossa própria vida, à renúncia de nossa família, à renúncia de nosso próprio nome.

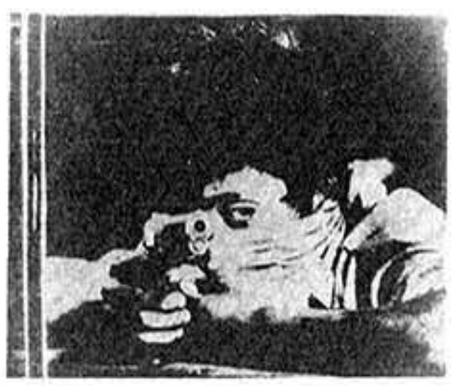
Não há nada maior em um ser humano, como já o disse Cristo, que dar a vida pelos outros.

Esta renúncia de um nome significa negar-se a si mesmo, negar sua própria existência em favor de todo um povo. Nós, para combater dentro da Organização, tivemos que renunciar ao nosso nome e adotar outro, com o qual nos identificamos na luta.

Mas atos são realidades e não palavras. A experiência do trabalho levou-me a aceitar este trabalho até às últimas conseqüências, quer dizer, **até à morte.**

Engajamento não recua diante de cárcere, tortura, nem morte.

Tive a honra de sofrer o **cárcere** e a **tortura,** debaixo da oprobriosa ditadura militar. Torturas que não são sequer aplicáveis aos animais. Dias e noites debaixo de interrogatórios, debaixo de pancadas, pontapés, coronhadas, até chegar a urinar sangue. Vendado com uma máscara cheia de sabão, até ficar com parte da cara em carne viva. Choques elétricos. Torturas cuja magnitude não se pode conhecer, mas que assim mesmo se aceita quando se tem a consciência e



UPI

Intervalo na luta, atrás das barricadas guerrilheiras.

a certeza de que **a vida,** de que **morrer, somente tem sentido quando se vive na luta de um povo** (41).

● (41) Nestas frases, *cárcere, torturas* etc., inclusive a *morte,* são análogos aos fatos correspondentes da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas o objetivo declarado de tais padecimentos não é o serviço do Redentor, nem se insere na ordem sobrenatural. O objetivo é sócio-político: *"a vida"*, bem como *"morrer somente tem sentido quando se vive na luta de um povo"*.

Não claudicar, não ser derrotado nunca! É uma experiência que se adquire no combate, quando companheiros nossos, ao nosso lado, caíam debaixo das balas da ditadura, da Guarda genocida, e só podiam ter alento para dizer-nos: "Companheiros, avante, a vitória é nossa!".

Mística revolucionária.

Essas palavras, a gente leva tão dentro de si, que em cada cidade que era libertada pelas forças revolucionárias, nós sentíamos que, **quando entrávamos para libertar, libertávamos a este povo** (42). **Ali estava nosso companheiro caído. Não havia morrido. Nossos companheiros realmente vivem na luta diária de um povo** (43).

● (42) À ação do revolucionário, o orador parece atribuir, entre dentes, algo de redentor: *"em cada cidade ("pueblo") que se libertava .... sentíamos que, quando entrávamos para libertar, libertávamos a este povo ("a este pueblo")"*.

O orador, como se vê, parece jogar com os dois sentidos da palavra *"pueblo"* em espanhol.

● (43) *"Ali estava nosso companheiro caído. Não havia morrido"*. Alusão ao Céu? — Não, mas à terra: *"Nossos companheiros realmente vivem na luta diária de um povo"*. Dir-se-ia que a vida do companheiro morto se difunde pan-psiquicamente nos companheiros que continuam a lutar, e que o espírito e as energias dele continuam a animar as destes.

Este sentimento de **esperança,** que somente pode dar-se debaixo de uma perspectiva cristã, mas, **que não é somente esperar um futuro bom,** mas que se está disposto a continuar a se sacrificar pelo desenvolvimento e bem-estar de todo um povo (44).

Sacrificar-se pelo povo.

● (44) *"Esperança .... que não é somente esperar um futuro bom..."*: isto é, não se cifra à mera expectativa de um futuro feliz (eterno? terreno?). A revolução sobrevive aos que tombam nela. E a estes cabe, no plano para o qual acena a frase anterior, uma enigmática participação no esforço da Revolução universal, como adiante se verá.

E este povo não precisa ser necessariamente o povo da Nicarágua. Este povo é precisamente a Pátria Grande, a pátria-livre, a América Latina inteira. **Essa pátria com que sonhou** Bolívar na Venezuela, Martí em Cuba, Villa no México, **Guevara na Bolívia,** Sandino na Nicarágua. Que somente foi possível pelo sacrifício e pela dor dos filhos de Sandino e de Carlos Fonseca, que hoje vivem e são exemplo para a América Latina, neste pequeno povo da Nicarágua. Obrigado (aplausos) (45).

● (45) Tal Revolução é universal. E por isto tende a espraiar-se por toda a América Latina. Esta afirmação confere a todos os discursos inter-solidários pronunciados na noite de 28 de fevereiro de 1980, no teatro da PUC, um caráter definido e imediato, de incitamento do povo brasileiro à luta de classes e à subversão.

Frei Betto. — O companheiro David disse que o testemunho que ele pode dar é de experiência de vida integrada na comunidade cristã, uma militância de sete anos na Frente Sandinista de Libertação Nacional. **Sua integração se deu pela consciência despertada na**

Frei Betto endossa a "perspectiva cristã" revolucionária do orador.

Padres, freiras e militantes das Comunidades Eclesiais de Base constituíam a maioria da assistência que compareceu ao Tuca na "Noite Sandinista". Nas duas páginas seguintes, outro aspecto do auditório.

"PATRI

LIBRE

perspectiva cristã. Ele tem profunda convicção cristã de que se **encarnar no sofrimento de um povo** é assumir todas as conseqüências de uma luta, sobretudo numa nação esmagada por gorilas militares e potências estrangeiras.

É necessário então que renunciemos a nossa vida. Não há nada maior — já dizia Jesus — do que dar a vida pelos outros. Negar a sua própria .... (gravação interrompida).

.... torturas que não se aplicam nem a animais, chegou a urinar sangue. Ficou muitos dias coberto por uma máscara embebida em sabão, recebeu choques elétricos. E se assumiu essas torturas, foi porque compreendia que a vida só tem sentido na luta de um povo. Não valia a pena viver por outra razão.

E quando os companheiros caíam na luta, eles diziam: Companheiros, adiante, a vitória é nossa! Sentiam que a libertação de um povo, na libertação do povo sobrevivem os companheiros tombados na luta. **E essa esperança nasce da perspectiva cristã.** E o povo não é só o povo de Nicarágua; é todo o povo da pátria grande latino-americana, **a pátria sonhada por** Bolívar, Marti, **Guevara,** Sandino, Carlos Fonseca, que continuam vivendo nas nossas lutas e nas nossas esperanças (46).

● (46) As palavras de Frei Betto não são senão um endosso, pelo frade dominicano, da *"perspectiva cristã"* revolucionária exposta no discurso anterior.

Por sua vez elas deixam bem claro no que consiste a peculiar interpretação do Cristianismo, que leva os teólogos da libertação e seus sequazes a uma espécie de *"guerra santa"*, que é como vêem a luta de classes. Com quanta vantagem para a guerra psicológica comunista, nem é necessário encarecer.

Ouvindo Frei Betto fazer uma apologia pública do heroísmo fanático de seus consectários, fica-se pasmo. Não se nota, em suas palavras, qualquer reflexo da circunstância tão marcante de que ele — conforme sentença do mais alto órgão judiciário civil do País, o Supremo Tribunal Federal — fôra condenado a dois anos de prisão, por participar, juntamente com seus pouco heróicos irmãos de hábito envolvidos no caso Marighela de uma conspiração terrorista.

Desconcerta igualmente que ao excitadíssimo público de extrema-esquerda que ali se achava, não tivesse partido uma só voz evocando nessa ocasião o drama Marighela. O silêncio parece mostrar quanto é disciplinada a grei comunista. O ex-subversivo e sentenciado Frei Betto se achava bem instalado em tal grei.

5. O agitador rural apresenta seu trabalho

Fala um guerrilheiro do campo.

Frei Betto — Nós vamos ouvir agora o companheiro Agustín Zambola, que trabalha junto aos camponeses da Nicarágua (palmas).

Agustín Zambola. — Boa noite, companheiras e companheiros.

Quero compartilhar com vocês um pouquinho de minha experiência no trabalho com os irmãos camponeses (47) da zona do Departamento de Zelaya, na Nicarágua. Irmãos com quem trabalhamos braço a braço e ombro a ombro no campo, no lodo do caminho, nos rios.

Agustín Zambola

● (47) Depois da guerrilheira e do guerrilheiro urbanos, um guerrilheiro do campo comunica suas *"experiências"*. Vê-se que a sessão está perfeitamente arquitetada para arrastar à guerrilha as várias faixas do público trabalhador.

Ação junto às Comunidades de Base rurais.

Algo que lhes quero contar, quanto à minha experiência, é o trabalho nas Comunidades com os irmãos camponeses, e o que isto significou dentro do processo da Revolução na Nicarágua.

Desde 1968 iniciamos um trabalho muito mais intenso na Costa Atlântica da Nicarágua: o trabalho **com os delegados da Palavra nas Comunidades de Base.** Um trabalho motivado pelos irmãos capuchinhos que atuam naquela zona. Foi então que os irmãos, pela primeira vez, começaram a dialogar sobre a Palavra de Deus. Começaram a dar-se conta do significado do diálogo, do ato de compartilhar o pão da Palavra (48).

● (48) A guerrilheira e o guerrilheiro urbanos apontaram o caráter essencialmente religioso da sua luta. Também o guerrilheiro do campo torna patente sua origem religiosa, e a dedicação a uma *"guerra santa"*.

O diálogo e o compartilhar a palavra por muito tempo ia ajudando as **Comunidades** a descobrirem suas necessidades. Não somente o fato de falar sobre a Palavra, mas ao mesmo tempo em que ia **tomando consciência de si,** iam-se dando conta (49) da situação em que vivíamos. Situação

AP

Militantes sandinistas dominam as ruas de Leon, Nicarágua.

de pobreza — fortemente — situação de isolamento, situação de exploração. Pouco a pouco iam-se dando conta de sua própria situação, a partir da leitura **e do diálogo da Palavra.**

"Conscientização" dos lavradores.

● (49) Mais uma vez, "conscientização".

UPI

Com seu fuzil-metralhadora, sandinista patrulha o setor norte de Esteli, Nicarágua, controlado pelos revolucionários durante a guerra civil.

Essas experiências dentro das Comunidades, é muito interessante, porque é necessário conhecer, ou experimentar, a linguagem do camponês. É uma linguagem cíclica, uma linguagem que não vão às coisas diretas, mas vão [os camponeses] participando pouco a pouco, falando sobre sua própria experiência da vida, quem são e como vivem e, como querem compartilhar isto com outros.

O fato da existência destas Comunidades... É bom pensar um pouquinho no isolamento em que vivemos na Costa Atlântica. Ou seja, não existem caminhos para lá; se penetra por meio de... vamos por mula ou a pé. Ou por rio, em canoas, ou botes, para visitar as Comunidades. Nossas visitas a essas Comunidades são duas vezes por ano que conseguimos vê-los, compartilhar com eles.

Membros das Comunidades de Base na luta guerrilheira.

Estas Comunidades de Base manifestaram algumas coisas muito interessantes e bastante fortes (50), a partir da forte repressão da Guarda Nacional daquela zona, em que muitos destes irmãos sofreram, muitos irmãos perderam a vida, muitos irmãos tiveram que testemunhar sobre a fé como abertura à Palavra, que se faz realidade na vida (51).

● (50) O orador se esquiva de dizer no que consistiram essas *"coisas.... bastante fortes"*. A instrumentalização das Comunidades de Base pela subversão não poderia estar mais claramente afirmada.

● (51) O fato é que houve uma *"repressão forte"*, com sofrimentos, mortes e até "martírios". Mas o orador se esquiva de dizer quantos defensores da ordem e da lei foram abatidos pelos rebeldes sandinistas, quantos foram presos, e que trato lhes foi dado. A narração procura dar, quanto possível, um aspecto de massacre de inocentes sandinistas, ao que foi uma guerrilha revolucionária autêntica, com seus horrores clássicos.

Um dia, quando caminhávamos pela montanha, durante o tempo difícil da luta, quando encontrávamos patrulhas da Guarda Nacional, um camponês me perguntou: "Agustín, o que você pensa da situação em que vivemos?" — "Homem, eu acho que vivemos em uma situação bastante dura e que é necessário lutar". Foi o que eu lhe disse. E o camponês perguntou: "Agustín, você não é casado, não é verdade?" — "Não sou casado". —

"Você não tem filhos, não é?" — "Não, não tenho filhos". — "Não tem sítio?" — "Não tenho sítio". — "Bom — me diz ele — Agustín, você não tem nada a perder. Deve ter muito valor para acompanhar-nos na luta. Eu tenho minha esposa, tenho meu sítio, tenho meus filhos, e estou decidido a dar minha vida pela causa da Revolução" (aplausos) (52).

● (52) No diálogo de Agustín com seu amigo, ambos já passaram pela politização e pelo engajamento e enfrentam de armas na mão o adversário. Ambos estão na fase do sacrifício rumo à morte.

Um novo "sacramento": o combate revolucionário.

Este fato me animou tremendamente. Ou seja, a partir desse momento, **entrou em mim um espírito novo,** ou seja, **o sacramento me foi comunicado através do irmão camponês** (53).

● (53) O companheiro de Agustín, que tem o que perder e o quer perder, parece mais entranhado nos mistérios da iniciação revolucionária. Passa-se então, entre ambos, um fenômeno, que vem descrito em termos ambíguos, de sorte que o ouvinte ignora qual é, segundo o orador, o conteúdo desse fenômeno: se parapsicológico, preternatural ou sobrenatural. O fato é que as palavras do amigo de Agustín transmitem a este *"um espírito novo": "o sacramento me foi comunicado através do irmão camponês"*, comenta o agitador rural, sem mais esclarecimentos.

Pensa-se numa espécie de pentecostalismo revolucionário...

Esse *underground* da doutrina "cristã" revolucionária apresenta importância essencial. *E jamais será suficiente estudá-lo.*

Outro fato que também é muito significativo, naquela zona da região do companheiro Carlos Fonseca Amador, que trabalhou intensamente naquela zona, e em toda a Nicarágua. Mas ao falar de Sinica — Sinica é um monte, é uma montanha bem alta — os camponeses que vivem naquela zona me contam as experiências de trabalho e como eles participaram no processo de libertação, como eles deram sua casa, partilharam sua comida, partilharam sua vida. E isto é também um sinal forte de mudança, um sinal forte de libertação (54).

● (54) Todo o tópico conduz a que, para a guerrilha, o ímpeto do batalhador não basta. É necessário também o apoio logístico da população rural.

Aqui, talvez alguns irmãos, algumas irmãs perguntassem: "Bem, Agustín, e o que aconteceu, então, no plano da Igreja, com os camponeses daquela zona? Como foi sua participação em todo o processo de libertação?" — Eu diria que, quanto à participação naquela zona, especialmente na zona que chamamos Sinica, naquela região montanhosa, os camponeses participaram fortemente e continuam a participar, porque não é só participar para uma transformação em um momento, mas acompanhar todo o processo, tanto de luta, como de vitória e de reconstrução de nosso País (55).

● (55) E o apoio da Igreja? O próprio Agustín o proporcionava como agente pastoral da Comunidade de Base.

Aí está, portanto, o que quis compartilhar com vocês, esta pequena experiência. E, uma coisinha mais, de caráter muito pessoal.

Em uma das ocasiões em que visitava as Comunidades, encontramos dez patrulhas da Guarda Nacional, em uma Comunidade pequena, chamada Rosa Grande. Estive sozinho na capela, rodeado de guardas, e a pergunta era: "Bom, Agustín, qual vai ser a proclamação da Palavra para estes e para a Comunidade?". Nesse momento, o que fiz foi ler, proclamar o capítulo 58 de Isaías. E logo começamos a dialogar um pouco sobre isto. Mais tarde vocês poderão descobrir de que trata o capítulo 58 de Isaías (risos).

Foram momentos fortes, e no plano pastoral poderíamos ver três partes, não? Uma pastoral, até certo ponto, de sacramentalização; uma pastoral em tempos de perseguição; e uma pastoral em tempo de reconstrução (56).

- (56) A distinção entre *"Pastoral de sacramentalização"*, *"Pastoral em tempos de perseguição"* e *"Pastoral em tempo de reconstrução"* tem afinidade com o que foi dito acima sobre encarnação, morte e ressurreição no processo revolucionário (cfr. comentários 40, 41, 43 e 44).

Obrigado (palmas).

Frei Betto. — Agustín Zambola disse que ia partilhar um pouco as suas experiências junto aos camponeses com quem ele trabalha no campo, nas estradas, nos rios; trabalha com os irmãos camponeses e gostaria de falar sobre isso.

Em 68, ele intensificou o seu trabalho na Costa Atlântica da Nicarágua, junto à formação de animadores da Palavra nas Comunidades de Base. E os camponeses começaram a dialogar sobre a Palavra, e foram descobrindo o direito de partilhar a Palavra. E isso ajudou as Comunidades camponesas a descobrir suas necessidades,

a tomar consciência de si, da situação em que viviam e da situação de pobreza, marginalidade, exploração que pesava sobre elas. Foram se dando conta, a partir dessa meditação. E sobretudo ele viveu, nesse contacto, uma experiência interessante: de conhecimento da linguagem camponesa, que é uma linguagem cíclica, de quem fala a partir de sua experiência vivida. De quem fala do que é, do que quer e do que pretende. E que na região onde ele trabalha na Costa Atlântica, não há estradas. Eles caminham com mulas ou a pé, ou em botes e barcos, para visitar as Comunidades.

E as Comunidades manifestaram algumas coisas importantes. Sobretudo a partir da repressão da Guarda Nacional na região, muitos camponeses sofreram, perderam sua vida, e tiveram de testemunhar a Palavra na realidade concreta desse sofrimento.

Um dia, Agustín ia pelas montanhas e um camponês lhe perguntou: Agustín, o que você pensa da situação que a gente vive? O que você pensa do que passa em Nicarágua? Ele respondeu: Penso que é difícil, e é necessário lutar. — Mas Agustín, você não é casado, não tem filhos, você não tem nada a perder. Você deve ter muito valor para nos acompanhar na luta. Agora, eu tenho filhos, esposa, família, mas estou decidido a lutar até o fim. E a partir daí Agustín viu que ele tinha recebido um **novo sacramento,** um novo espírito que o comprometia definitivamente com os camponeses.

Os camponeses que vivem na região, nessa região, é a mesma região que foi trabalhada pelo fundador da Frente Sandinista de Libertação Nacional, Carlos Fonseca Amador.

E o que têm a ver, a Igreja e os camponeses, na região? — disseram a Agustín. Ele diria que, como participação, sobretudo nas montanhas, hoje os camponeses continuam atuando na reconstrução do país. E uma coisa importante: em uma de suas visitas às Comunidades, ele encontrou dez patrulhas da Guarda Nacional, e se encontrava sozinho na capela rodeado pelos guardas. Então ele se perguntou: Qual vai ser a proclamação da Palavra para esses guardas e para a Comunidade? Leu então o capítulo 58 do Profeta Isaías. E a partir daí começaram a dialogar. E disse à assembléia que, mais tarde, todos terão oportunidade de descobrir o capítulo 58 de Isaías (risos).

Mas desta proclamação da Palavra, ele tirou a conclusão de que a Pastoral na Nicarágua viveu três momentos importantes: uma pastoral de sacramentos, uma pastoral da perseguição, e agora uma pastoral da reconstrução.

6. A palavra de um capelão da subversão

Pe. Uriel Molina

Frei Betto — Nós vamos ouvir agora o Vigário de Socorro, que é o Padre Uriel Molina (palmas).

A experiência revolucionária de um sacerdote.

Padre Uriel Molina. — Quero falar-lhes com muita simplicidade de minha experiência nesse processo revolucionário nicaragüense. Falo a partir de minha experiência sacerdotal e religiosa.

Nasci e vivi a primeira parte de minha juventude, até os 18 anos, debaixo do regime da escravidão somoziana. Coube-me estudar três anos de Direito na Universidade Nacional, que tinha sua sede então em Léon. Depois entrei na Ordem dos Franciscanos, em Assis, onde concluí os estudos sacerdotais que me levaram logo a um intenso trabalho de pós-graduação universitária em estudos bíblicos em Roma e Jerusalém.

Depois de doze longos anos, regressei a meu País em 1965, pouco tempo depois de ter sido fundada a Frente Sandinista de Libertação Nacional.

Comecei a realizar em Manágua, junto com outros Sacerdotes, o que eu caracterizaria como **um trabalho profético** de resgate contra uma Igreja que estava comprometida com o regime governante. Coube-nos a nós, alguns Padres, a tarefa de resgatar a mensagem evangélica da apropriação que dela haviam feito desde muito tempo as classes oligárquicas (57).

Ação "profética"...

- (57) O frade franciscano Frei Uriel Molina, faz uma descrição do que sejam a luta de classes e a Revolução, não mais no ambiente temporal (cidade e campo), mas no ambiente espiritual (Igreja).

  Havia na Nicarágua uma Hierarquia pró-governo, pró-classes altas. Era preciso afastá-la ou cercear-lhe a influência. A consecução desse objetivo parece constituir *"um trabalho profético"*, o que faz pensar que ao apóstolo da Revolução e da luta de classes dentro da Igreja, a Teologia da Libertação confere o título de *"profeta"*.

Levou-nos também a esse compromisso profético a valente ação guerrilheira de nossos irmãos sandinistas (58), realizada em alguns pontos do território nacional.

...que leva à ação guerrilheira.

- (58) A guerrilha profético-eclesiástica parece ter sido deflagrada por influência sandinista.

Certo dia, alguns companheiros sandinistas foram descobertos em seu esconderijo em um bairro de Manágua. Foram chamadas as forças de segurança e a Polícia, e eles foram metralhados sem misericórdia por carros blindados. Restaram apenas seus corpos despedaçados e seus planos de ação militar.

Reunimo-nos sete Sacerdotes para levantar nossa voz de defesa ante o que víamos com toda a clareza: uma injustiça na desproporção dos meios para combater os sandinistas. Iluminamos o caminho do que devia ser a futura Nicarágua, a partir de alguns

pontos claros e concretos, indicando o que a Bíblia nos ensinava: o Êxodo rumo a uma Pátria Grande.

Sete padres: "sete irmãos em Marx"...

A reação não se fez esperar: o Diário Nacional, do regime governante, da ditadura, batizou-nos a partir daí como "os sete irmãos em Marx". E desde então não cessou nunca seus ataques contra nós, marginalizando-nos de todo o processo, e fazendo-nos sofrer profundas contradições em nosso trabalho sacerdotal (59).

- (59) Um acontecimento fortuito desencadeia o amálgama entre o sandinismo profético e o sandinismo guerrilheiro.

Experiência significativa desse momento histórico foram alguns compromissos que, nós, como Padres, realizamos, em um trabalho de estímulo das Comunidades Cristãs, e integrando-nos em greves nacionais significativas, como a greve dos professores, então dispensados pelo Governo.

...estimulam Comunidades de Base e participam de greves.

Líderes guerrilheiros suscitados por uma Comunidade de Base de universitários...

Mais adiante, concretamente em em 1971, um grupo de jovens universitários veio propor-me de formar com eles uma comunidade cristã universitária, vivendo nas próprias instalações materiais de minha paróquia. Eu disse que sim, simplesmente. Via que era uma grande oportunidade de entrar em diálogo com a juventude que estava sofrendo. Alguns desses jovens são hoje comandantes ou figuras destacadas na Frente Sandinista de Libertação Nacional (60).

- (60) Os Padres proféticos incitam os cristãos revolucionários, operários ou estudantes.

...com o que "integram" fé, política e revolução.

Fomos realizando, durante vários anos, um longo processo de integração entre fé e política, entre fé e revolução. Uma leitura simples e franca do Evangelho, como uma análise de nossa realidade enraizada em uma História que era preciso "resgatar". Confessolhes com humildade e franqueza que nem sempre foi fácil para mim, como Padre, sem nenhum apoio — nem na Ordem a que pertenço, nem nas estruturas da Igreja — para poder alimentar minha esperança e minha fé, de um claro delineamento doutrinário que indicasse o caminho a seguir.

A "Teologia da Libertação" fornece a base doutrinária para a revolução.

Não tínhamos então nenhum esclarecimento doutrinário, nem conhecíamos sequer o que mais tarde foi o símbolo para nossos círculos de estudos, o livro "Teologia da Libertação", do teólogo peruano Gustavo Gutierrez (61). Tínhamos algumas claras e poucas informações do que acontecia no plano latino-americano.

- (61) Contatos com a Teologia da Libertação e com a luta de classes na América Latina.

Mas eu me sentia sobretudo carregado com o peso da instituição eclesiástica. Pressionado fortemente pelos superiores, entrava em conflito comigo mesmo quando procurava conciliar aquelas frases que tínhamos aprendido: "O Evangelho é para todos"; "Também os ricos têm que se salvar"; "Temos que tomar cuidado com a instrumentalização"; "Precisamos expressar nossa fé no aspecto religioso"; "Temos que condenar a violência; a violência não é evangélica". Uma série de frases que eu ia acumulando como que em espiral, com grande devoção à Igreja a que pertenço, mas que significaram sempre um profundo obstáculo para aceitar o compromisso e a militância, dentro das pessoas que estavam iluminadas pelo meu trabalho pastoral (62).

- (62) Na alma de um Padre como tantos outros, o choque entre Teologia e Hierarquia de estilo antigo, e a Teologia e o Clero do estilo novo.

Entretanto, dentro daquela nebulosa, eu sentia que havia uma realidade que era preciso tomar em conta, e que essa realidade não era **quimicamente pura,** e que o Evangelho havia sido **apropriado,** durante um bom tempo, pelas classes ricas, pelas classes poderosas, que era o que me impedia de entrar **num compromisso mais diáfano e simples,** que me era oferecido por parte da juventude (63).

- (63) Enquanto clérigos, duvidam e se detêm.

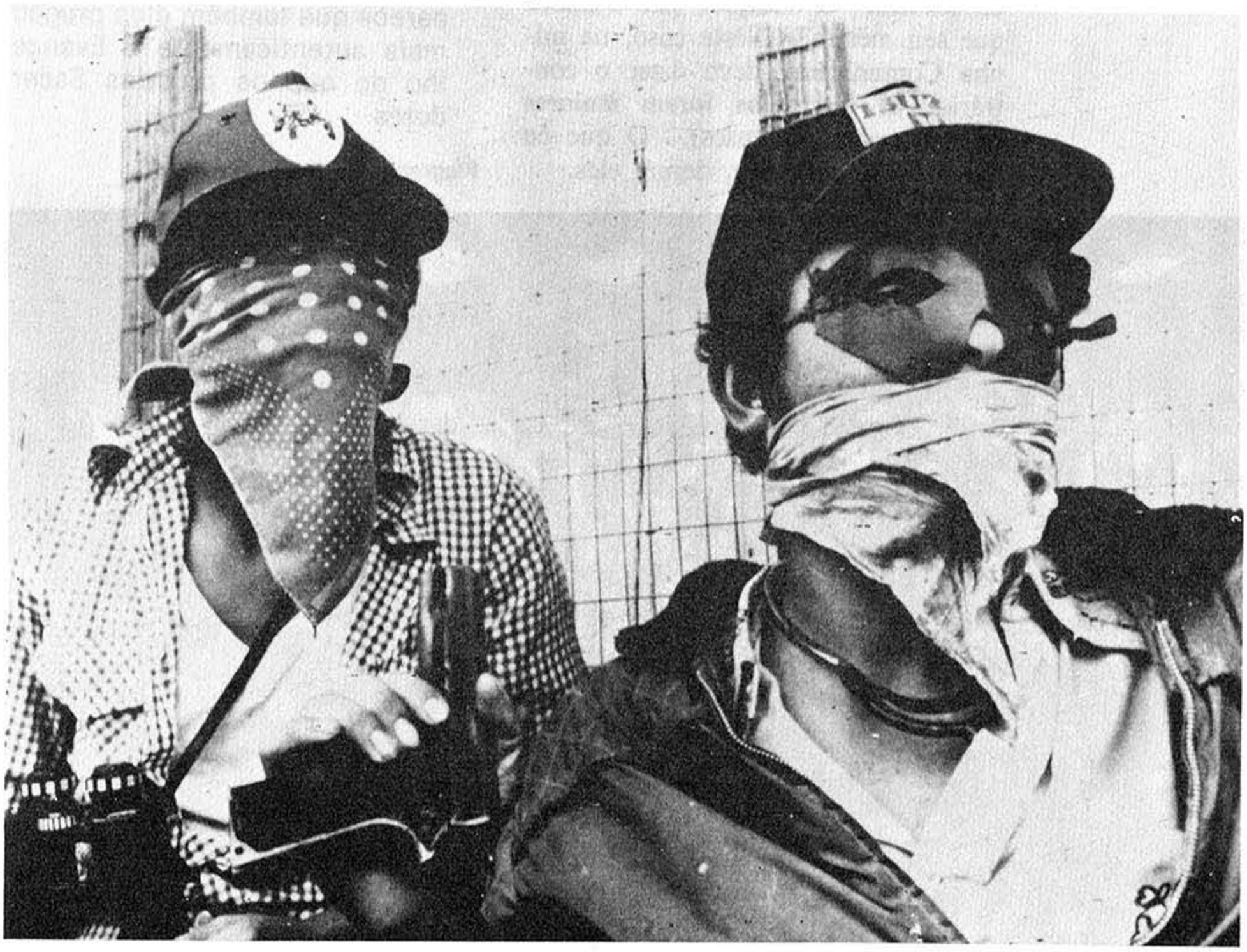
Trabalho clandestino junto às Comunidades de Base.

Os jovens seguiram adiante seu compromisso: continuar um trabalho de clandestinidade, dentro das fileiras da Frente Sandinista de Libertação Nacional. E, desde então, desde 1973, desapareceram para integrar-se numa atividade clandestina de trabalho sutil e intenso com os movimentos populares, alimentados nas Comunidades Eclesiais de Base.

Assim, fomos acompanhando o povo através desse **processo de clarificação** (64). **Senti a necessidade** imperiosa de acompanhá-lo através da pregação, de vigílias que se faziam na igreja a noite toda, através da correspondência. Mas, devo dizer, aprendi sobretudo que era preciso dar um salto além, através do compromisso intenso, profundo, dos jovens que militavam nessa comunidade universitária (65).

Entre esses jovens, vocês têm à minha esquerda David (Chavarria). A ele creio dever muito minha vocação. Não tenho nenhum sentimento de — como direi? — de reserva em confessá-lo publicamente. Porque ele, um dia foi preso e levado para as prisões da Segurança Nacional, onde o maltrataram. Ele contou só uma parte. Eu tenho em meu coração, e em um escrito profundo que ele escreveu em... — a carta vem da prisão — o que ele passou, sua tortura, seu encontro com Cristo crucificado nessa solidão... Ele me enviou uma carta em que dizia: "Não sei se sairei vivo deste cárcere, mas a única coisa que sei é que minha convicção é forte. Rogo-lhe que, como pastor da Comunidade, o Sr. leia esta carta e denuncie, como lhe compete, o que se está perpetrando nas prisões da Nicarágua".

Os novos "mártires"...



AP

Guerrilheiros em Matagalpa. A revolução nicaragüense apresentou-se como "cristã" antes da vitória. Com o tempo, a máscara vai caindo e os sandinistas mostram-se cada vez mais próximos da tirania comunista.

Tinha medo de fazê-lo, também por sua segurança pessoal. Contudo, o compromisso foi mais forte e o fiz. E denunciei ao mundo, dentro e fora da Nicarágua, o que lhe havia acontecido; e logo começamos um diálogo de umas sete cartas. E eu enviava a

- (64) Durante a própria ação, os jovens, encabeçando o povo, conduzem o *"processo de clarificação"*, ou seja, de subversão. Eles são ajudados pelas Comunidades Eclesiais de Base.

- (65) A perplexidade de um clérigo se esclarece, por um *"sentir a necessidade"*. E se põe a seguir o impulso dos profetas e do povo.

ele minha carta de resposta entremeada de frases da Escritura e com a Eucaristia, para que ele comungasse, e para que se pudesse nutrir no tremendo martírio que sofria (66).

● (66) O pedido e o exemplo de um leigo determinam o clérigo a engajar-se. O caráter de guerra religiosa, da revolução sócio-econômica sandinista, é posto em realce com a maior clareza pelo Sacerdote sandinista.

...ingressam na insurreição nacional.

Quando ele saiu da prisão, tinha já planos de integrar-se à insurreição nacional que era iminente. Passou pela minha casa e deixou-me uma carta que ainda conservo: "Quis celebrar convosco uma Eucaristia, antes de integrar-me na luta".

Eu queria, para terminar, assinalar simplesmente que o seu testemunho me fazia pensar muito naquela frase do Mestre: "O discípulo não é maior que seu mestre". Neste caso, na minha Comunidade, devo dizer o contrário: **os discípulos foram maiores que o mestre** (aplausos). O que eu **não fui capaz de dar,** deram eles.

E então, no dia em que começou a insurreição nacional, tive a última **lição de um povo inteiro,** que nunca separou fé e oração da luta revolucionária. Quando as bombas de Somoza metralhavam a população civil de meu bairro, eu via que, como única resposta, por trás das rajadas de metralhadora que se defendiam, havia um grito de esperança para todos nós: "Pátria livre ou morrer". E me retirava, na minha solidão, em profunda oração, muitas vezes diante do tabernáculo, e sentia que **o Evangelho não era eu quem pregava: começavam a pregá-lo os jovens sandinistas da Nicarágua** (aplausos) (67).

Quem prega o "Evangelho" são os guerrilheiros.

● (67) A verdadeira prédica é mais a do fuzil que a do púlpito. Note-se que entre os *"jovens sandinistas"* que pregavam pelas armas, havia notoriamente comunistas. Segundo Frei Uriel, parece que também eles pregam mais autenticamente o Evangelho do que os próprios Sacerdotes.

Flagrante do auditório

Frei Betto. — O Pe. Uriel nos disse que a primeira parte de sua juventude ele viveu sob o regime de escravidão de Somoza. Depois ele estudou, três anos, Direito na Universidade Nacional da Nicarágua, em Léon. Ingressou na Ordem dos Franciscanos, em Assis, e realizou estudos de Bíblia em Roma e Jerusalém. Após doze anos, ele regressou a seu país, em 65, quando já acabava de se formar a Frente Sandinista de Libertação Nacional.

E ele começou a realizar, junto com outros Padres, uma atividade profética, no sentido de renovação da Igreja, que era comprometida com o regime que imperava no país. E, sobretudo, essa atividade profética consistia em recuperar a mensagem evangélica que havia sido apropriada pelas classes dominantes.

E, certo dia, um grupo de sandinistas foram descobertos numa casa. A Guarda Nacional foi chamada e assassinou a todos, destruindo os seus corpos.

Então, o Pe. Uriel e mais seis Padres — um grupo de sete — protestaram. E começaram a abrir caminho para o que seria a futura Nicarágua, dentro da perspectiva bíblica do Êxodo.

E logo veio a reação do Governo. O Diário Oficial do regime batizou os padres de "os sete irmãos de Marx", e passou a atacá-los.

Experiências que ele viveu junto às Comunidades Cristãs, como participação em greves — a greve dos professores — fez com que, a partir de 1971, formasse com um grupo de universitários uma Comunidade em sua Paróquia. E viu nisso uma oportunidade para dialogar com a juventude sofrida. E alguns desses jovens da sua Paróquia são hoje comandantes da Frente Sandinista de Libertação Nacional.

Eles procuravam realizar uma **integração fé e política, fé e revolução, fazendo uma análise do Evangelho à luz da História a ser resgatada** (68). Não foi fácil, para ele, atuar junto a essa Comunidade, porque não sentia apoio na Ordem, nas estruturas da Igreja, nem possuía suficientes esclarecimentos doutrinários. E só mais tarde vieram, com a "Teologia da Libertação", do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, que está aqui presente entre nós, esta noite (palmas calorosas).

● (68) Em sua versão do que acaba de dizer o orador, Frei Betto afirma adequadamente que este descreveu uma *"integração"* entre *"fé e política, fé e revolução"*, com base em *"uma análise do Evangelho à luz da História a ser resgatada"*.

Isto equivale a dizer que também ele entende a doutrina e a prática da Teologia da Libertação como uma peculiar *"análise do Evangelho"* com projeção e interação nos campos religioso, político, e da ação armada.

Ou seja, trata-se de uma nova Teologia que abre caminho para uma nova era da História da Igreja e da civilização. Tudo bem pesado, uma nova era, de uma nova Igreja, e de uma nova civilização, na qual tomam parte também marxistas.

Ele sentiu um peso muito grande entre a instituição da Igreja e o compromisso com o povo. Era muito pressionado pelos superiores, e isto fazia com que ele sentisse algum conflito, sobretudo quando lhe falavam que a Igreja não podia ser instrumentalizada, que a violência não é evangélica etc. Então ele viu que precisava assumir a realidade, e que a realidade a ser assumida não era uma realidade quimicamente pura, e que o Evangelho havia sido apropriado pelas classes dominantes, e dever-se-ia agora ser resgatado.

Esses jovens da sua Comunidade foram adiante nos seus compromissos, e se integraram na Frente Sandinista. A partir de 73 caíram na clandestinidade e atuavam junto aos grupos populares alimentados pelas Comunidades.

Em sua Paróquia, o Pe. Uriel continuou acompanhando o povo e ajudando na **conscientização** através de vigílias à noite, e sobretudo de correspondência. E que uma das correspondências que mais marcou foi a que ele manteve com David, enquanto David esteve preso.

Um dia David lhe escrevera: "Não sei se vou sobreviver. Mas como pastor, você pode denunciar o que se passa aqui". E disse o Pe. Uriel que

teve medo, sobretudo por causa da segurança de David. Mas afinal denunciou dentro e fora da Nicarágua o que se passava nos cárceres do país.

Inclusive através dessas cartas ele conseguiu enviar a Eucaristia para David.

Quando David saiu da prisão, ele quis celebrar com ele, com o grupo dele, a Eucaristia, antes de ingressar na guerrilha.

O Evangelho diz que o discípulo não é maior que o Mestre. Mas, no caso do Pe. Uriel, os discípulos, dizia ele, foram maiores do que o mestre. O que não fui capaz de dar, eles deram. E quando Somoza metralhou a população civil de seu bairro, ele sentia que a resposta era um grito de esperança: "Pátria livre ou morrer!" E sentia que não era mais ele que pregava o Evangelho; o Evangelho, na Nicarágua, estava sendo pregado pelos sandinistas (palmas).

7. Alocução do Padre-Ministro

Fala um padre de esquerda (hoje Ministro da Educação).

Frei Betto — Nós vamos ter a alegria e a honra de ouvir agora a palavra do **padre Miguel D'Escoto, que é o Ministro das Relações Exteriores da Nicarágua** (palmas).

Padre Miguel D'Escoto. — Pediram-me que fale sobre algo que, creio, não apresenta nenhuma novidade para todos vocês, irmãos e irmãs de diferentes países do Terceiro Mundo. Porque creio que todos os anelos sobre os quais vou falar, os nossos anelos para a Nicarágua, são os mesmos anelos que têm todos os habitantes do Terceiro Mundo para seus países.

Pediram-me concretamente que sonhasse um pouco em voz alta, que compartilhasse com vocês minha visão do futuro de minha pátria libertada. Libertada da opressão somozista, não libertada das conseqüências de tantos anos de corrupção e exploração por parte do regime somozista, da oligarquia e da intervenção do imperialismo americano.

Povo cristão porque sandinista...

A Nicarágua — como vocês sabem — acaba de passar por uma guerra terrível. Terrível pelo ódio, pela destruição causada pela opressão somozista, porém maravilhosa pelo amor e pela entrega, pelo patriotismo, pelo heroísmo evidenciado pelo **nosso povo, que é cristão e sandinista ao mesmo tempo, e é cristão precisamente por ser sandinista;** o que significa **estar comprometido por atos, e não só por palavras,** com a sorte de seus irmãos, com os que têm fome e sede de justiça (69).

Pe. Miguel D'Escoto

● (69) A alocução do Padre Ministro das Relações Exteriores da Nicarágua faz ver, com a maior clareza, o amálgama entre sandinismo e cristianismo: *"Nosso povo, que é cristão e sandinista ao mesmo tempo, e é cristão precisamente por ser sandinista"*. Não se poderia afirmar mais energicamente esse amálgama. Somados cristianismo e sandinismo, a resultante qual é? *"Estar comprometido por atos, e não só por palavras"* com os pobres.

Durante dois mil anos de vida, durante dois mil anos de civilização cristã, a Igreja soube agir

com gloriosa eficácia em prol dos pobres e dos necessitados. A ela deve o gênero humano a extinção da escravidão em todos os povos civilizados, e mais tarde a libertação dos servos da gleba. Soube ela denunciar, com a necessária energia, os males ocasionados pela industrialização e pelo poder invasor do ouro nos séculos XIX e XX. E sob o bafejo dela se organizaram e floresceram, em número sem conta, obras de toda ordem, movidas pelos nobres ideais da justiça e da caridade cristãs. Mas tudo isto foi alcançado na paz, sem jamais tender para o confisco, para a subversão, nem para a violência.

Surgem agora os Sacerdotes e leigos católicos fascinados pelo apelo do comunismo à subversão. Deixam-se picar pela mosca venenosa da Teologia da Libertação, esquecem os princípios de doutrina e de ação aos quais a Igreja deveu, nesta matéria, todas as suas glórias passadas, e aberrando de dois mil anos de trabalhos frutíferos e de vitórias pacíficas, se transformam em fautores decisivamente influentes da luta de classes pregada por Marx. Ei-los que, amalgamados na Nicarágua, sandinistas e católicos se atiram nessa luta, com preterição dos aspectos espirituais e sobrenaturais da sua missão de Sacerdotes. Oh, como têm razão as advertências de João Paulo II em Puebla!

Nossa ambição para a nova Nicarágua é uma Nicarágua onde nunca jamais na História voltem a repetir-se os horrores e sofrimentos de uma guerra como a que vivemos. E para alcançar este objetivo é necessário erradicar as causas das guerras de libertação.

Desejamos que nossa pátria, que nossa Nicarágua seja realmente uma Nicarágua de todos nós, e não de um grupo de privilegiados. Queremos viver em uma Nicarágua onde não só nos chamemos, mas onde realmente **sejamos irmãos, porque todos participamos.** Uma Nicarágua sem fome, sem analfabetismo, com hospitais e assistência para todos, com moradias, com emprego para todos. Onde todos se sintam membros de uma grande família de nicaragüenses, unidos não somente pelo amor à pátria, mas também pelo amor entre todos nós.

Ou seja, o que queremos é uma Nicarágua que seja **autenticamente cristã.** Que seja **sandinista, solidária, fraternal,** o que implica necessariamente **uma Nicarágua sem capitalismo e sem nenhuma ingerência do imperialismo** nas decisões políticas de nosso país.

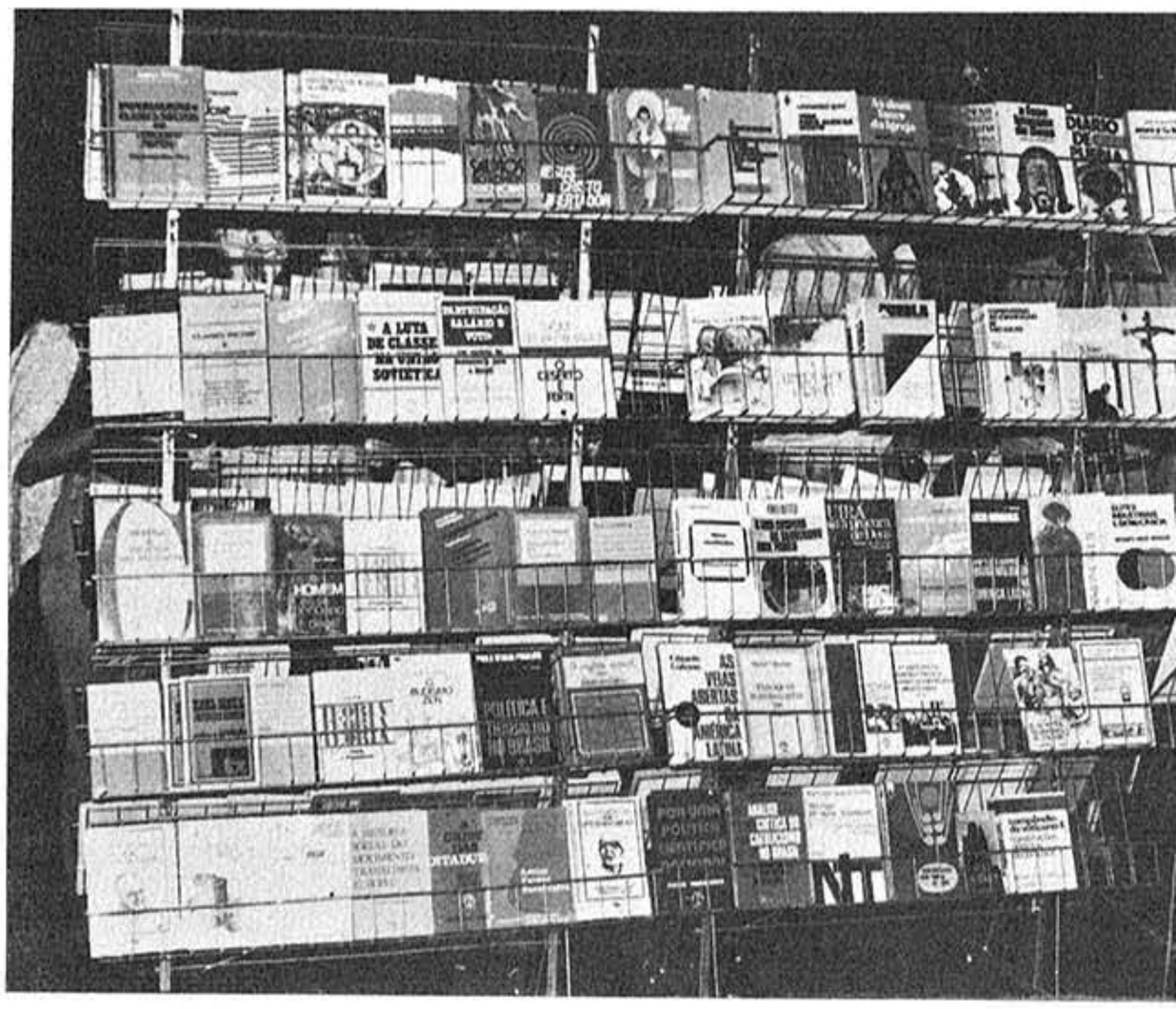
Essa é a nossa meta, esse é o nosso sonho.

Agora, o mundo se pergunta: "E como pensam os nicaragüenses alcançar esta meta?" — Perguntam-se sobre qual é a ideologia que conduzirá nosso avanço rumo a esse objetivo. E a resposta é que no caso da Nicarágua, depois de tantos anos de luta contra a opressão, nós realmente não tivemos que sair ao mercado internacional das ideologias, por assim dizer, para ver qual a ideologia que melhor nos convém. Nas próprias entranhas, nas montanhas e nas cidades da Nicarágua, está em gestação, ao longo de meio século, um pensamento, uma ideologia autenticamente nicaragüense. E essa ideologia é o que o mundo todo já está conhecendo como sandinismo.

Sandinismo, uma ideologia mal definida.

É verdade que **esse pensamento sandinista ainda não foi sistematizado. Já está sendo criado o Instituto de Estudos Sandinistas, para que as pessoas com capacidade para sistema-**

Na entrada do Tuca, literatura marxista à venda, como as obras "A Sagrada Família", "Sobre a Religião" de Marx e Engels e "Dialética da Natureza" de Engels, na 2.ª e 3.ª fileiras. Participantes do congresso de teologia podiam comprar também cartazes coloridos com a figura de "Che" Guevara.



tizar estas coisas o façam. Mas eu diria que, **tendo lido não somente os escritos de Sandino,** mas também, posteriormente, os **escritos de todos aqueles que enriqueceram este pensamento dinâmico, que é o sandinismo, eu diria que ele tem quatro pilares** fundamentais:

Os quadro pilares do sandinismo:

1.º) Nacionalismo.

— O sandinismo é profundamente **nacionalista.** Mas somente no sentido de que nos opomos rotundamente — e que estamos dispostos a derramar nosso sangue, se for necessário — para que os nicaragüenses sejamos sempre os protagonistas de nosso próprio destino nacionalista.

2.º) Democracia popular.

— O sandinismo é também profundamente **democrático.** Mas não no significado que se costuma dar a essa palavra tão vazia de conseqüências para o povo. Anelamos uma democracia com verdadeiras conseqüências para o povo. Uma democracia não meramente formal, que se caracterize pelo fato de que uma elite que representa 7 a 8% da população se substitui, a cada quatro ou seis anos, na cadeira presidencial. Nós **queremos uma democracia política, social e econômica,** com autêntica **participação** de nosso povo **em todos os níveis** (70).

● (70) Esse sandinismo só agora está sendo estudado, confessa o Padre-Ministro. De qualquer forma (cfr. as palavras grifadas no texto), o sandinismo tem um forte sabor radicalmente igualitário, o qual desfecha num anticapitalismo categórico, e numa significativa omissão, sobretudo quanto seja o papel da propriedade privada nessa Nicarágua sandinizada.

3.º) Cristianismo sandinista.

— O sandinismo é também profundamente **cristão.** E eu diria que esse é um dos pilares principais deste pensamento, desta concepção da sociedade.

O cristianismo, dentro do sandinismo, se tem manifestado em muitas formas. Já os companheiros... o Pe. Uriel Molina, acaba de fazer referência a essa alegria pascal, ao fato de que, enquanto o tirano genocida lançava bombas de 500 e de mil libras

Membros da Junta revolucionária que assumiu o poder na Nicarágua, há um ano. Ao centro, entre Violeta Chamorro e Daniel Ortega (o segundo da direita para a esquerda), o Presidente da Costa Rica. Violeta Chamorro, burguesa abastada e viúva do diretor de "La Prensa", demitiu-se da Junta meses depois, assustada com o processo de comunistização do país. Alfonso Robelo (último da direita para a esquerda) afastou-se igualmente do governo e refugiou-se nos Estados Unidos.

UPI

sobre os bairros periféricos de Manágua, o povo respondia com cantos. O mundo inteiro, creio, se surpreendeu pelo fato de que depois de uma revolução que triunfou de forma tão categórica, não houve na Nicarágua fuzilamentos nem reclusões. Isso é o que o mundo inteiro esperava que acontecesse .... (gravação interrompida).

4.º) Justiça Social autêntica.

.... [Uma sociedade onde] haja autêntica justiça social.

Esta é a ideologia de nossa revolução, o sandinismo, mas é indiscutível que isto tem que ser ajudado, do modo que for, pelo seu lógico, pelo seu mais lógico aliado: a Igreja. Dessa maneira, este ideal tão maravilhosamente evangélico será alcançado, será obtido de forma mais rápida.

"O mais lógico aliado da Revolução sandinista: a Igreja".

A Igreja tem na Nicarágua uma oportunidade única. Porque, lamentavelmente, não soube estar sempre ao lado dos que têm fome e sede de justiça, dos que querem transformar o mundo para convertê-lo em um mundo mais fraternal e solidário. A Igreja, lamentavelmente, é preciso reconhecer, nem sempre soube **reconhecer o apelo do Senhor no clamor de seu povo.** Na Nicarágua sim, ela o está fazendo, e é de esperar que o continue a fazer sempre, para o próprio bem da Igreja, para que **continue a ser autêntica, para que continue a ser fiel ao Senhor.** E para o bem não só da Nicarágua, mas do mundo inteiro (71).

Segundo Sacerdote-Ministro, apoio ao sandinismo é oportunidade única para a Igreja "ser fiel ao Senhor".

- (71) Para o Pe. D'Escoto, a tarefa da Igreja não parece consistir em conciliar vencedores e vencidos. A *"oportunidade única"*, para ele, consiste em colocar-se sempre na linha dos atuais vencedores, *"reconhecendo o apelo do Senhor no clamor do seu povo"*.

Ou seja, é só deixando-se dirigir pela voz profética do povo que a Igreja (embora hierárquica por essência) pode *"continuar a ser autêntica, para continuar a ser fiel ao Senhor"*.

Dir-se-ia que tudo mudou na Igreja. Outrora Deus dirigia o povo por meio da Hierarquia. Agora Deus dirige a Hierarquia por meio do povo.

Deus teria feito, pois, uma Revolução dentro da Igreja. Bastante análoga, diga-se entre parêntesis, à que o marxismo faz no mundo.

Creio que já falei o suficiente (aplausos).

Frei Betto. — O Pe. D'Escoto disse que a Nicarágua acaba de viver uma terrível guerra, terrível pelo ódio, pela destruição causada pelo opressão somozista, mas abrilhantada pelo amor do povo **que é cristão e que é sandinista ao mesmo tempo. E mais cristão por ser sandinista.** O que significa estar comprometido com fatos e não só com palavras. Cristãos que estão do lado dos que têm fome e sede de justiça. E o que eles querem na Nicarágua é que nunca mais se repitam os horrores e os sofrimentos da guerra que sofreram. É necessário, sobretudo, erradicar as causas das guerras de libertação. E eles querem que a Nicarágua agora seja de todos, e não de um grupo de privilegiados: uma Nicarágua sem fome, sem analfabetismo, com casas e emprego para todos; uma grande família unida, não apenas pelo amor à pátria mas pelo amor entre todos. O que querem é uma Nicarágua autenticamente **cristã, sandinista, solidária, sem capitalismo** e nenhuma ingerência do imperialismo nas decisões políticas do seu país.

O mundo pergunta: Como os nica-

ragüenses vão alcançar esta meta? Qual a ideologia?

E eles respondem: no caso da Nicarágua, após tantos anos de luta contra a opressão, nós não temos que sair no mercado internacional das ideologias para saber qual é a melhor. A nossa ideologia nasceu nas entranhas dos rios, das montanhas, do campo, das cidades da Nicarágua. Aí se formou a ideologia autenticamente nicaragüense, o sandinismo. Uma ideologia que não se sistematizou ainda, mas estão criando agora Instituto de Estudos Sandinistas para que isso ocorra. E que lendo os escritos de Sandino e de todos aqueles que enriqueceram o seu pensamento, ele foi descobrindo alguns pontos fundamentais, como o nacionalismo e a democracia.

E que **o cristianismo dentro do sandinismo se manifestou de muitas formas. Uriel falava da alegria pascal que havia no povo enquanto os tiranos lançavam bombas em Manágua. O povo respondia com cantos. E o mundo se surpreendeu após a revolução, por não existir na Nicarágua fuzilamentos.** Talvez muitos esperassem isto, mas eles têm um lema: ser generoso na vitória. E para eles o perdão e o amor são importantes no sandinismo. Deve-se chegar a uma sociedade aonde haja autêntica justiça social.

E que a Nicarágua quer ser ajudada pela Igreja, para que ela própria, como nação, possa realizar o ideal evangélico. E que a Igreja agora na Nicarágua tem uma oportunidade única, porque lamentavelmente nem sempre ela soube estar do lado dos que têm fome e sede de justiça.

A Igreja antes não sabia reconhecer no clamor do povo o chamado do Senhor. Agora, na Nicarágua, ele pode dizer que a Igreja reconhece a voz de Deus nesse clamor (72).

(72) O destaque em negrito no texto realça que Frei Betto, expressivo elemento da extrema "esquerda católica" no Brasil, ao repetir os conceitos do Padre-Chanceler da Nicarágua, nenhuma ressalva lhes faz.

8. A voz de um membro da Junta Revolucionária

Frei Betto — Nós temos, sem dúvida nenhuma, o privilégio de escutar agora a palavra do comandante Daniel Ortega Saavedra, da Junta de Governo da Nicarágua e da Direção Nacional da Frente Sandinista de Libertação Nacional (palmas, assobios).

Fala membro da Junta Revolucionária.

Daniel Ortega. — Deixem-me agradecer estes aplausos, este entusiasmo de vocês, em nome de nossos **heróis e mártires** que vivem na Revolução Nicaragüense, que **vivem no coração dos povos da América Latina.**

A Revolução venceu graças ao apoio internacional.

Nossa revolução é uma revolução que não podemos, indiscutivelmente não podemos, isolar da luta dos povos. Se a revolução foi possível na Nicarágua é porque **os povos da América Latina, os povos do mundo,** a apoiaram, a respaldaram, de maneira decidida.

Incitamento à "libertação" da América Latina.

Não somos alheios a este esforço, não somos alheios tampouco ao sangue derramado em nosso Continente, em luta permanente para alcançar a sua libertação (73).

(73) Para um membro da Junta Governativa da Nicarágua, Comandante Ortega Saavedra, é claro que a Revolução Sandinista constitui um só todo com as agitações que sacodem no momento a América Latina:

a) os *"heróis e mártires"* sandinistas *"vivem no coração dos povos da América Latina"*;

b) a vitória do sandinismo se deve ao apoio dos *"povos da América Latina"*, dos *"povos do mundo"*;

1. **O comandante Daniel Ortega chega à sessão para ocupar a mesa.**

c) há uma correlação entre o esforço dos sandinistas e *"o sangue derramado em nosso Continente, em luta permanente para alcançar a sua libertação"*.

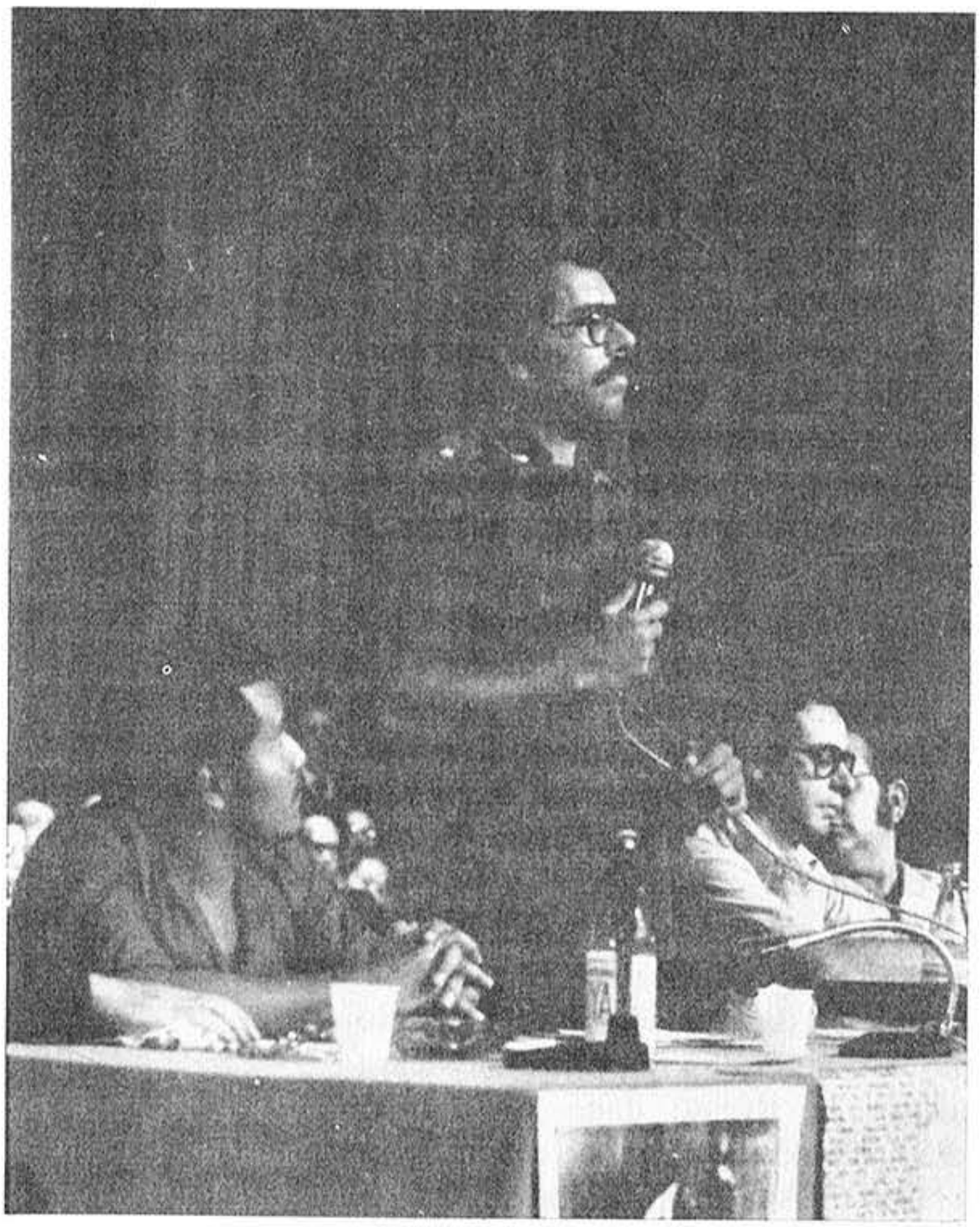
É claro que nem todos os dias podem ser de vitória. Mas esse esforço diário, esse sacrifício que é catalogado por alguns como estéril, soma forças, soma vontades, soma decisão e ajuda a ser possível o triunfo revolucionário em nossa pátria.

Hoje, aqui no Brasil, sentimo-nos contentes com o entusiasmo de vocês. Sentimo-nos contentes com o otimismo de vocês. E trazemos ao povo do Brasil, aos trabalhadores brasileiros, aos operários, aos camponeses brasileiros, aos patriotas brasileiros, a saudação, o abraço franco dos trabalhadores nicaragüenses, dos camponeses nicaragüenses, dos patriotas nicaragüenses, dos revolucionários nicaragüenses.

Saudação dos "revolucionários nicaraguenses" aos brasileiros.

Um companheiro muito querido, tombado em combate em 1970, comentava numa roda com outros companheiros, lá por volta de 1964, comentava que a grande dificuldade que tínhamos nos movimentos de libertação, era que na direção dos movimentos de libertação todo mundo queria ser Fidel Castro (risos).

2. Incita o público à revolução.



Porque havia, sobretudo, uma tendência de cair na cópia fiel de uma revolução triunfante. Havia, inclusive, a tendência de procurar um Fidel Castro para cada revolução latino-americana.

E nossa revolução, com o passar do tempo, se veio persuadindo de que a Revolução Cubana era única na América Latina, de que **a Revolução Cubana — heróica e magnífica, com Fidel Castro à frente** — não podia repetir-se da mesma maneira (palmas).

"Revolução Cubana — heróica e magnífica".

Em nosso país, **nossa Vanguarda tem um dirigente máximo, que se chama Direção Nacional, e é composta por nove membros.** Não se podia repetir, com pontos e vírgulas, o fenômeno da Revolução Cubana (74).

- (74) Merece nota o elogio à *"Revolução Cubana, heróica e magnífica com Fidel Castro à frente"*. A divergência só está na direção "monárquica" do movimento castrista, e do caráter colegiado da direção sandinista. Vê-se bem que *castrismo* e *sandinismo* são, em substância, a mesma coisa, ou seja, *comunismo.*

E vendo à distância esse passado, nós confirmamos na prática quanta razão tinha nosso irmão sandinista.

3. Erguendo o punho, agradece os aplausos da assistência.

Insurreição urbana, decisiva na guerra revolucionária.

Na Nicarágua, a participação das massas inssurectas nas cidades foi decisiva, e a guerrilha nos campos e nas montanhas foi parte dessa insurreição e não o eixo da guerra revolucionária. E isso nô-lo ensinou a prática; ensinou-nos o povo, ensinou-nos nossa História. Enquanto não penetramos em nossa História, enquanto não procuramos as raízes de nosso processo, não conseguimos encontrar a resposta acertada.

Enquanto isso, tínhamos estado a divagar, a divagar com experiências já acabadas, em lugar de saber assimilar de maneira criadora essas experiências. Tendíamos a cair no mecanicismo, no esquematismo, no teoricismo. E era preciso vencer tudo isso. E tudo isso somente podia ser vencido à custa de prática, à custa de experiência, à custa de fracassos, à custa do nosso povo.

E muitos se perguntarão como foi possível a vitória dos sandinistas. Temos dito e repetido que nossa vitória foi possível, não porque tivéssemos adquirido um pouco mais de armamento, não porque tivéssemos organizado um pouco melhor o povo, não porque somássemos um número maior de combatentes. Mas foi possível porque houve decisão, porque houve energia e, sobretudo — porque é o mais difícil — porque pudemos ter um pouquinho de humildade para poder unir-nos. Sem unidade não teria sido possível a vitória revolucionária na Nicarágua (palmas).

Unidade dos Revolucionários, indispensável para a vitória.

Para nós, indiscutivelmente, foi difícil conseguir a unidade. Não foi tarefa simples. Porque cada qual — neste caso, cada Organização — tende a fazer-se dona absoluta da verdade e a negar a participação aos demais.

Porque caímos com facilidade no sectarismo. Porque em lugar de apresentar um só punho, apresentamos cinco dedos apontando para diferentes direções (palmas).

Em vez de cinco dedos "um só punho".

Então não é possível pensar em avanços, pensar em transformações, pensar em revolução, ainda que o preguemos e o repitamos. Temos insistido, e insistimos, quando nos perguntam qual é a experiência que traz a Revolução Nicaragüense. Pois dizemos: a maior experiência que a Revolução Nicaragüense traz é que não se deve copiar e que se devem buscar as respostas em sua própria realidade (palmas).

Mas acreditamos que haja uma excessão a essa afirmação. E é a de que a unidade é pedra angular, é elemento decisivo e fundamental para que possa haver revolução. A isso, sim, nos aferramos, e cremos que devemos copiar e devemos repetir outras experiências (palmas).

Nós nos sentimos orgulhosos de estar aqui, com os cristãos revolucionários (risos, palmas)... se bem que me parece um pouco redundante a palavra (palmas): na Nicarágua dizemos que ser cristão é ser revolucionário! (aplausos) (75).

"Ser cristão é ser revolucionário".

- (75) É expressiva a afirmação do caráter revolucionário da mescla entre sandinismo e cristianismo.

Em nosso país coincidiram no tempo uma **Igreja renovada,** uma Igreja ativa e combativa, uma Igreja cristã, com um **povo cristão, sandinista,** lutando contra uma ditadura sanguinária (76).

"Igreja renovada" e Revolução.

- (76) A *"Igreja renovada"* e o *"povo cristão, sandinista"* são respectivamente os aspectos harmônicos — espiritual e temporal — que integram a fisionomia da nova Nicarágua revolucionária.

Ontem explicávamos a outros companheiros — quando nos perguntavam a respeito das relações Igreja-Revolução — que se a Revolução Nicaragüense se tivesse dado no ano de 1957, quando acabava de ser justiçado o tirano Anastasio Somoza García,

seguramente a Revolução teria entrado em choque com a Igreja. Porque a Igreja, na sua Hierarquia, na maioria de seus representantes, estava agredindo e entrando em choque com o povo fazia um bom tempo.

E uma das manifestações mais claras dessa agressão da Igreja ao nosso povo, foi que quando o tirano, quando o assassino Somoza García foi enterrado, quando lhe rendiam honras antes de levá-lo à sepultura, as altas autoridades da Igreja na Nicarágua o enterraram com honras de Príncipe da Igreja (murmúrios). E lhes garanto que, nessas condições, ao triunfar uma revolução, os primeiros a fugir com os restos da família Somoza teriam sido esses senhores que ocupavam a alta autoridade, a alta representação da Igreja em nosso país.

Mas, para sorte de nosso povo e de nosso continente a história da vitória revolucionária em nosso país contou com a participação decidida de Padres revolucionários, contou com o sangue derramado de Padres revolucionários, como nosso herói inesquecível, Gaspar Garcia Labiana (aplausos) (77).

"Participação decidida de Padres revolucionários".

● (77) O nexo entre a Revolução temporal e Revolução dentro da Igreja vem aqui claramente afirmado.

O triunfo revolucionário em nosso país, dizíamos, foi possível porque não houve dogmatismo, foi possível porque não houve sectarismo, foi possível porque a ninguém se fecharam as portas, foi possível porque todo o povo assim o exigia, e porque sua Vanguarda o soube interpretar.

Hoje, nosso país, nosso povo, se debate em uma situação difícil. Estamos lutando contra a destruição que o somozismo deixou. Estamos lutando contra as dívidas que a ditadura somozista deixou com os bancos estrangeiros e com os organismos internacionais. Estamos lutando contra o analfabetismo, porque também temos dito e repetimos que nosso povo o que conquistou, foi a liberdade para poder ser livre! (palmas).

Necessidade da ajuda internacional...

E necessitamos do apoio dos povos. Necessitamos do apoio dos homens conscientes deste continente. Necessitamos do apoio dos governos latino-americanos e do mundo. Nossa situação é difícil e não podemos isolar-nos do que é o movimento econômico internacional, do que é o mercado internacional.

Essa é uma realidade que pesa sobre nossos povos e, sobretudo, sobre os povos mais pobres, sobre os povos com menos recursos.

Mas trata-se agora de conseguir e negociar ajuda e empréstimos com dignidade. De negociar e conseguir ajuda e empréstimos sem claudicar. De nego-

Na mesa, apologia da violência: cartazes de Sandino e Carlos Amador, "heróis" da guerrilha revolucionária nicaragüense.

No grupo dos "teólogos" que assistiam à Noite Sandinista, estava presente o Pe. Eduardo Hoornaert, professor do Instituto de Teologia do Recife (primeiro à direita).

"...para fortalecer nosso processo revolucionário".

ciar e conseguir ajuda e empréstimos para fortalecer a economia de um povo, para fortalecer nosso **processo revolucionário.**

Estávamos perguntando a um companheiro nosso quais as últimas informações acerca de 75 milhões que estavam em discussão nos Estados Unidos há um bom tempo: se já o aprovaram ou não o aprovaram.

Queremos deixar isso claro, e já o deixamos claro para nosso povo, que desses 75 milhões não depende o futuro da Revolução Nicaragüense (palmas). Porque, de repente, lançaram toda uma campanha internacional de imprensa, e quiseram bombardear também o nosso povo com essas idéias de que os 75 milhões são decisivos para o futuro da reconstrução da Nicarágua. Isso não é verdade! Todos sabemos que nem 75 milhões, nem 400 milhões, nem mil milhões são determinantes. Que **o determinante é o espírito e a decisão de nosso povo!** É a disposição de nosso povo de ser livre por seu próprio esforço; de impor-se uma quota maior de sacrifício para poder ser, por fim, verdadeiramente livres! (palmas).

"O determinante é o espírito e a decisão de nosso povo".

E nos Estados Unidos, enquanto discutem e discutem se emprestam à Nicarágua — porque não estão dando de presente — se à Nicarágua emprestam 75 milhões de dólares, por outro lado aprovam rapidamente o envio ao Paquistão, de 400 milhões de dólares para armas, e que se enviem armas ao exército salvadorenho, e se envie rapidamente ajuda econômica ao governo de El Salvador (grito na platéia: "Assassino!")...

Essa é a realidade das relações de nosso povo, de nosso governo revolucionário com o governo dos Estados Unidos. Enquanto aprovavam continuamente empréstimos atrás de empréstimo a Somoza, enviavam ajuda a Somoza, sabendo que Somoza a roubava para si, por outro lado, põem dificuldades e fazem delongas para um empréstimo a nosso país. Quando a Nicarágua tem todo o direito de reclamar do governo dos Estados Unidos uma indenização histórica pelo dano que fizeram a nosso povo! (aplausos calorosos, gritos).

Achamos que é preciso também denunciar, por onde formos; fazer-nos solidários com o povo de El Salvador, com esse valente Arcebispo que tem El Salvador, que se chama Dom Romero (aplausos), que tem denunciado o perigo de intervenção contra seu país (78).

Solidariedade à guerrilha em El Salvador.

- (78) A solidariedade da revolução sócio-econômica e religiosa nicaragüense com a de El Salvador constitui mais uma

manifestação da tendência da Revolução Nicaragüense a alastrar-se por toda a América Latina.

Todos sabemos que os setores mais reacionários dos Estados Unidos, os setores militaristas e os setores belicistas estão tratando de aproveitar-se da situação do Afeganistão, da presença de tropas soviéticas no Afeganistão, para justificar qualquer intervenção e agressão contra os povos da América Latina, e em particular contra o povo da Nicarágua (aplausos, gritos).

Queremos dizer-lhes, companheiros, queremos dizer-lhes, irmãos, que o esforço de todos não está sendo em vão. Que a luta dos povos não se detém ainda quando se lhes agride, quando se lhes assassina, quando se lhes aterroriza!

Pois se na América Latina, há vinte anos, não havia governos dispostos a dizer "não"! ao imperialismo ianque, em nenhuma circunstância, agora já existem governos neste Continente dispostos a dizer "não!", ao imperialismo ianque! (palmas).

"Não! ao imperialismo ianque".

E que quando, na 17.ª reunião de consulta da OEA, os Estados Unidos apresentaram a proposta de que se invadisse a Nicarágua, os representantes dos governos latino-americanos ali na OEA, a maioria dos representantes, se opuseram a tal medida. Essa atitude não era casual. Essa atitude não era produto do ato impulsivo de alguém ou de algumas pessoas por lá. Mas ela era produto da luta constante e permanente dos povos de nosso continente, que têm pressionado pela autodeterminação, por uma atitude anti-imperialista, por uma atitude soberana, por uma atitude revolucionária! (palmas).

Que a unidade seja a meta imediata dos que lutam pela libertação nacional. Que a unidade seja a meta imediata a alcançar, para poder caminhar com pé firme!

Mais uma vez apelo à unidade.

Viva o povo do Brasil! Viva o povo do Brasil! Viva o povo do Brasil! (aplausos calorosos, gritos).

O auditório. — Ni-ca-rá-gua! Ni-ca-rá-gua! Ni-ca-rá-gua! Ni-ca-rá-gua! Ni-ca-rá-gua! Ni-ca-rá-gua!... (gritos ritmados).

9. Frei Betto resume pronunciamento do Comandante Ortega. E endossa.

Frei Betto. — A pedido dos companheiros das comunidades da periferia que têm dificuldade de entender algumas expressões em espanhol, a gente vai fazer um resumo da fala do comandante Daniel Ortega.

Eu agradeço o entusiasmo em nome de nossos heróis e mártires que vivem no povo nicaragüense e no coração dos povos da América Latina. Nossa revolução é uma revolução que não podemos isolar da luta dos povos.

Se a revolução foi possível na Nicarágua, é porque os povos da América Latina e do mundo, a apoiaram e sustentaram de modo decisivo. Não somos alheios a estes esforços, nem

Frei Betto

ao sangue derramado em nosso Continente, na luta permanente para alcançar a libertação.

Claro, nem todos os dias são dias de vitória. Mas esse esforço diário, que alguns acham estéril, somam forças, vontade, decisões, e tornam possível o triunfo revolucionário em nossa pátria.

Hoje, no Brasil, estamos felizes pelo entusiasmo de vocês, o otimismo de vocês, e trazendo ao povo do Brasil, trabalhadores e camponeses, patriotas, a saudação, o abraço franco dos trabalhadores, camponeses, patriotas e revolucionários nicaragüenses.

Um companheiro muito querido, morto em combate, em 1970, comentava numa roda de companheiros, que por volta de 64, a grande dificuldade que tinham os movimentos de libertação é que, na direção deles, todos queriam ser Fidel Castro.

Olhando à distância esse passado, nós conseguimos na prática verificar quanta razão tinha o irmão sandinista. Havia a tendência de copiar

uma revolução triunfante. Tendência inclusive de buscar um Fidel para cada revolução latino-americana.

A nossa revolução com o tempo, convenceu-se que a revolução cubana era uma revolução na América Latina. Heróica e magnífica, mas não podia se repetir do mesmo modo. Em nosso país, nossa Vanguarda tem hoje um dirigente máximo que se chama Direção Nacional, e é integrada por nove membros da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Não se podia repetir o fenômeno da revolução cubana.

Em Nicarágua, a participação na insurreição do povo, na insurreição das cidades, foi decisiva, complementada pela luta no campo e nas montanhas. Isto nos ensinou a nossa história ao nosso povo: que só buscando as raízes do nosso processo encontramos a resposta adequada.

Contudo, andávamos divagando sobre outras experiências, e por isso caíamos no mecanicismo, no esque-

matismo, no teoricismo. Superamos isto pela prática, inclusive através do fracasso; mas graças à força do nosso povo.

Muitos se perguntam como foi possível a vitória dos sandinistas. Falamos e repetimos: nossa vitória foi possível, não por termos um pouco mais de armas, organizado um pouco melhor o povo. Ou, porque tínhamos o maior número de combatentes, mas porque houve decisão, energia e, sobretudo, o mais difícil, porque tivemos um pouco de humildade e de unidade para podermos estar juntos.

Sem unidade não teria sido possível a vitória na Nicarágua. Para nós foi difícil de ter unidade, não foi simples. Cada organização tende a se tornar dona absoluta de sua verdade, e a negar a participação às demais, porque caímos com facilidade no sectarismo, pois em lugar de apresentarmos um só punho, apresentamos cinco dedos apontando em diferentes direções.

Assim não é possível pensar em mudança, em revolução. Insistimos, quando nos perguntam qual a experiência da Revolução Nicaragüense, a maior é que não se deve copiá-la, mas buscar a resposta em sua própria realidade. Mas, cremos que há uma exceção nesta afirmação. A de que a unidade é pedra angular, fator decisivo para que se possa ter revolução. Nisso nos pegamos, devemos copiar e repetir outras experiências.

Temos o orgulho de estar aqui com os cristãos revolucionários. É um pouco redundante o termo. Em Nicarágua sempre falamos que ser cristão é ser revolucionário. Em nosso país conseguiram coincidir no tempo uma Igreja renovada, uma Igreja ativa e combativa, uma Igreja cristã com o povo cristão sandinista, lutando contra a ditadura sanguinária.

Ontem nos perguntavam sobre a relação Igreja e revolução. Se a Revolução Nicaragüense se desse em 1957, quando foi justiçado o tirano Somoza, a revolução teria se chocado com a Igreja que estava do lado do opressor. Quando o tirano Somoza García foi enterrado, na cerimônia fúnebre, as altas autoridades da Igreja da Nicarágua o enterraram com honras de príncipe. Porém, para sorte do nosso povo, do nosso Continente, a história de nossa revolução contou com a participação de padres revolucionários, como o heróico e amado Pe. Gaspar García Labiana.

A vitória revolucionária em nosso país foi possível porque não houve dogmatismo, sectarismo, porque o povo assim o exigia.

Não podemos nos isolar no movimento dos mercados internacionais. Essa a situação que pesa sobre os povos mais pobres. Agora queremos conseguir ajudas e empréstimos, com dignidade, sem ceder ou conceder.

Estamos pedindo um empréstimo de 75 milhões de dólares, que está sendo discutido nos EUA. Será que eles vão aprovar? Queremos deixar claro que desses 75 milhões de dólares não depende o futuro da Revolução Nicaragüense.

Há toda uma campanha de imprensa internacional no sentido de querer provar que os 75 milhões são decisivos para a Nicarágua. Isso é mentira. O determinante é o espírito de decisão de nosso... (gravação interrompida) ...: decisão de seu país. Setores conservadores dos EUA se apegam aos fatos que ora ocorrem no Oriente, para justificar a agressão à América Latina, especialmente a El Salvador.

Nós queremos dizer: Companheiros, irmãos, o esforço de todos não está sendo em vão. Que a luta dos povos não se detém quando se agride, se assassina ou se aterroriza um povo. Na América Latina, há vinte anos, não havia governos dispostos a dizer "não" aos Estados Unidos, ao imperialismo norte-americano. Agora, há governos neste Continente dispostos a dizer "não" ao imperialismo ianque.

Na reunião de consulta da OEA, os Estados Unidos propuseram a invasão da Nicarágua, e os governos

Símbolo da confraternização entre o progressismo e a guerrilha: Irmã Martha Frech cuida de um combatente ferido em Matagalpa. Sem o apoio progressista, a Revolução Sandinista não teria alcançado êxito.

AP

latino-americanos se opuseram. Isso não foi casual nem fruto de um ato impulsivo, mas fruto da luta dos povos do nosso Continente que pressionam por uma atitude soberana e revolucionária.

Que a unidade seja a meta dos que lutam pela libertação nacional, que a unidade seja a meta que nos permita caminhar com pé firme. Viva o povo do Brasil! (palmas)

10. Encerramento com música e lema sandinista

Frei Betto — Nós queremos avisar que a Semana de Teologia prossegue amanhã, e agradecer a presença de todos aqui, e para encerrarmos nós vamos ouvir o grupo de teatro União e Olho Vivo, que vai nos apresentar mais um número musical.

Membro do Grupo-Teatro União e Olho Vivo. — Nós queríamos prestar uma homenagem ao heróico povo da Nicarágua, que tem mostrado, que está mostrando o caminho para os povos da América Latina. Gostaríamos de deixar uma pequena lembrança a todos os membros da delegação da Nicarágua.

Como isto é impossível, nós vamos entregar uma pequena lembrança ao Comandante Daniel Ortega. Uma lembrança que pertence à cultura brasileira, que é um instrumento musical chamado agogô.

Este instrumento tem para nós, o Teatro União e Olho Vivo, uma importância muito grande, e, creio, para toda a juventude brasileira, das Pastorais, da União Nacional dos Estudantes, dos camponeses, dos trabalhadores. Este instrumento, este agogô nos foi dado pelo Edval Nunes da Silva, o Cajá, que tem muito que ver com a Igreja, que tem muito que ver com a libertação do povo (palmas).

A música que nós vamos mostrar é a nossa música, é a música que fala de unidade, é a música da unidade sandinista. Pediríamos a todos que ficassem de pé, porque é o hino da Frente Nacional Sandinista de Libertação.

Música da unidade sandinista.

— Música.

Frei Betto. — Queremos pedir às pessoas presentes, em nome dos companheiros nicaragüenses responsáveis pela segurança do comandante Daniel Ortega e do Pe. Miguel D'Escoto, que ao fim desta cerimônia ninguém subisse ao palco, e procurassem facilitar, sobretudo os que estão ao fundo, a saída deles. E agradecemos.

E, para encerrar, pedimos uma salva de palmas ao bravo povo nicaragüense (palmas estrondosas, gritos, brados, assobios).

No encerramento, aclamações e o lema sandinista: Patria libre! — O morir!"

Uma voz. — Patria libre!

Todos. — O morir!

O lema sandinista "Pátria livre ou morrer" dominava o auditório.

UPI

Na véspera do primeiro aniversário da Revolução Sandinista, Fidel conversa com o embaixador norte-americano em Manágua

COM FIDEL, SANDINISTAS COMEMORAM UM ANO DE REVOLUÇÃO

"Vemos com alegria como a vitória sandinista se consolida", escreveu Fidel Castro em carta ao governo da Nicarágua, por ocasião do primeiro aniversário da Revolução Sandinista, a 19 de julho do corrente.

Reafirmou ainda o chefe comunista cubano a "solidariedade fiel e inquebrantável" de seu regime ao de Manágua. E elogiou a "ativa política internacional da Revolução Nicaragüense, que cumpre um honroso papel de primeira linha no movimento progressista e revolucionário mundial".

O ditador barbudo foi levar sua solidariedade aos sandinistas, nas comemorações em Manágua, ao lado de Yasser Arafat — da Organização de Libertação da Palestina — e de chefes de governo ou representantes de países comunistas. A administração do ultra-concessivo Jimmy Carter — também elogiada por Castro como "inteligente" — enviou representantes, apesar dos furibundos ataques que tem recebido de membros da Junta nicaragüense.

A presença brasileira que mais chamou a atenção em Manágua foi a do ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, Luís Inácio da Silva (Lula). Segundo o "Jornal do Brasil", 13/7/80 do Rio de Janeiro, o ex-líder sindical — que tem por "assessor" Frei Betto — deveria encontrar-se em Manágua com Fidel Castro e outros chefes de governo marxistas. Na capital nicaragüense, Lula declarou ainda que a única alternativa para os trabalhadores é "a luta contra a burguesia nacional e multinacional".

Aliança comuno-progressista

Pouco antes de deixar Manágua com destino a Havana, Fidel Castro reuniu-se com um grupo de 46 religiosos — católicos e protestantes — aos quais manifestou a sua intenção de formar uma "aliança entre marxistas-leninistas e religiosos cristãos progressistas", para ajudar a Revolução Nicaragüense.

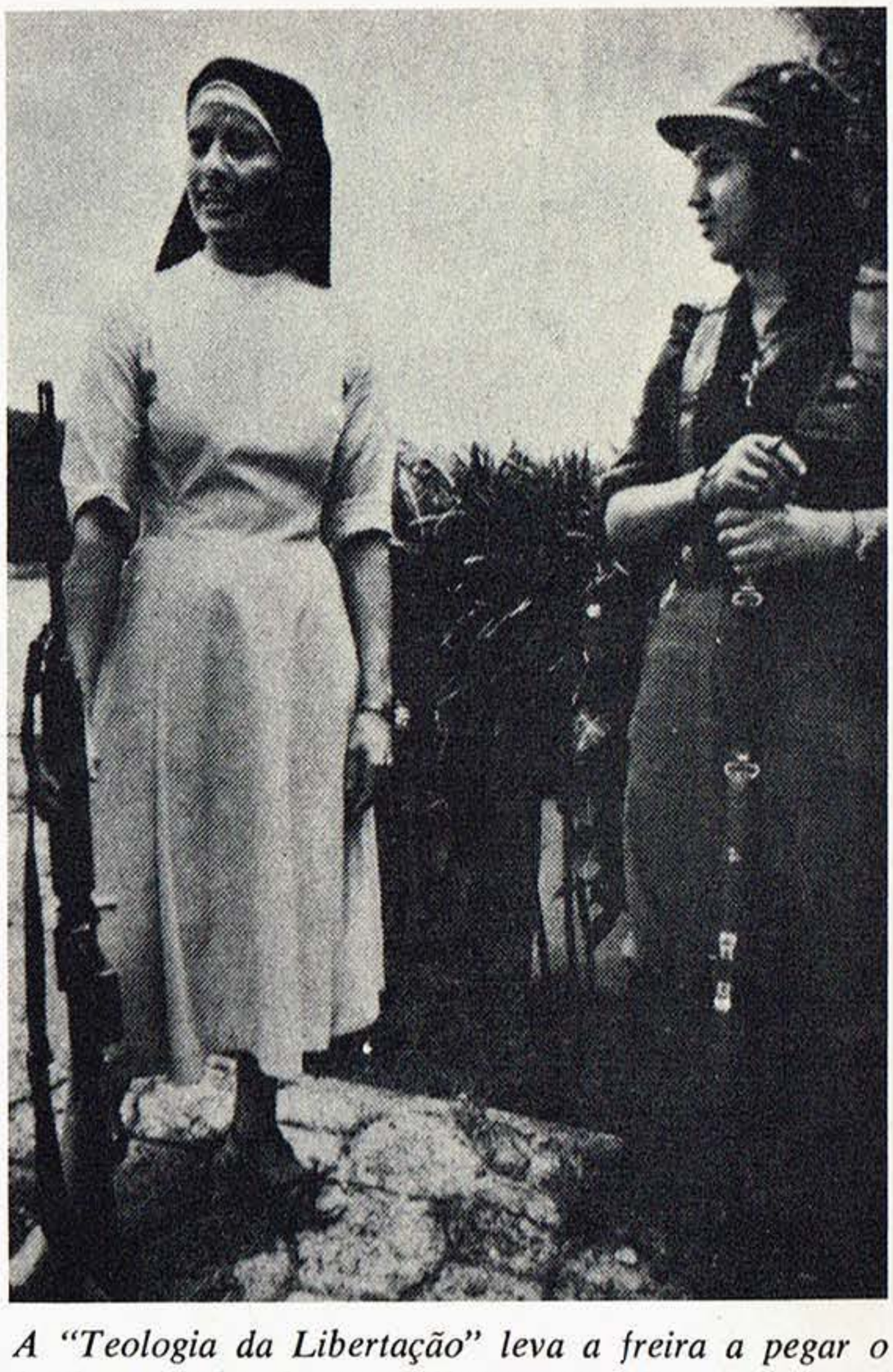
Na ocasião, o tirano cubano fez esta impressionante declaração: **"O perfeito comunista deve ser antes de tudo marxista e cristão".**

UM CONGRESSO CERCADO DE SIGILO

São Paulo — Os mais conhecidos defensores latino-americanos da chamada "Teologia da Libertação" reuniram-se durante uma semana em Taboão da Serra, município vizinho de São Paulo. Com sua programação interna cercada do maior sigilo, essa reunião foi rotulada de "Congresso Internacional Ecumênico de Teologia", e contou, segundo os organizadores, com a participação de representantes de 42 países.

Foi vedada a aproximação de qualquer pessoa que não constasse da lista dos convidados, sendo liberados para a imprensa apenas pequenos e sintéticos comunicados. O rigoroso sigilo de que se cercou o Congresso dos "teólogos da libertação" causou estranheza.

Em sessões noturnas no teatro da PUC, em São Paulo, promoveu-se uma comunicação selecionada do "Congresso" destinada sobretudo a padres, religiosos e leigos das Comunidades de Base.



A "Teologia da Libertação" leva a freira a pegar o fuzil ao lado da guerrilheira, na Nicarágua, cuja revolução é agora apresentada como exemplo para toda a América Latina.

CARDEAL APROVA VIAGENS À NICARÁGUA "PARA APRENDER"

Coube ao Cardeal-Arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, na qualidade de presidente-honorário do Congresso Internacional Ecumênico de Teologia, encerrar o ciclo de conferências no TUCA, a 1.º de março p.p. Eis suas significativas palavras, na ocasião:

"Como concluir? Não há uma conclusão. A coisa apenas começou. [. . .]

"Vejam esta pergunta — chega de teologia e vamos à prática: onde estão os grupos que vão para a Nicarágua, para aprender? Eu respondo: sei que, em São Paulo, há grupos se preparando e de malas prontas para partir. Até com a permissão do Arcebispo de São Paulo. . .

"Agora, não convém encerrar. Não é noite. Estamos na aurora. . . **Vamos agradecer aos mártires aqui na América Latina e no Brasil. Eu recordaria aqui os mártires posseiros e os mártires índios.** [. . .] **Não se trata de uma libertação romântica, mas uma libertação da fome, do mau salário, da favela. Que esta semana seja um compromisso no sangue de Cristo. Importa agora traduzir a palavra num testemunho real"** (cfr. "O São Paulo", 7 a 13 de março de 1980).

Na saída do teatro, uma jovem oferecia um produto à venda: "É um poster muito bonito. Você não quer levar?" Tratava-se da figura do guerrilheiro "Che" Guevara, a cores, em custosa apresentação gráfica. Preço: 180 cruzeiros. . .